



**Universidade de Brasília - Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

**Formação de Profissionais da Saúde no Campo da Parentalidade: Contribuição
de Dispositivos de Imagem**

Ághata Ferreira de Sousa

Brasília
2024



Universidade de Brasília - Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

**Formação de Profissionais da Saúde no Campo da Parentalidade: Contribuição
de Dispositivos de Imagem**

Ághata Ferreira de Sousa

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Clínica e Cultura do Instituto
de Psicologia da Universidade de Brasília,
como requisito para obtenção do título de
Mestre em Psicologia Clínica e Cultura,
sob orientação da professora Dra. Kátia
Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil

Brasília
2024

Esta dissertação, requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, foi apreciada pela banca examinadora composta por:

Profa. Dr^a. Kátia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil Universidade de Brasília (UnB)
Presidente

Profa. Dr^a.
Alessandra Arrais
Escola Superior de Ciências da Saúde - ESCS
Membro externo

Profa. Dr^a.
Daniela Scheinkman
Universidade de Brasília (UnB)
Membro interno

Prof. Dr^a.
Márcia Cristina Maesso
Universidade de Brasília (UnB)
Membro Suplente

Brasília
2024
Agradecimentos

À minha família, que aceitou o risco de me acolher em meio à decisão insana de escrever.

Agradeço a oportunidade de chegar até aqui.

À prof. Dr^a. Katia Brasil, minha orientadora, que confiou e acreditou!

As amizades que construí ao longo do caminho com trocas e acolhimentos.

Ao Grupo de Pesquisa de Saúde Mental na Parentalidade que me possibilitou vínculos.

Às professoras que atuaram no projeto.

Às parcerias que foram construídas no sistema de Saúde.

Às irmãs, Átagha, Aretha e Amandha, incentivadoras e fonte de afeto

A Hudy, mãe, amiga e companheira de todas as horas.

Ao Valdo Virgo, amor da minha vida, que esteve mais do que ao meu lado, participando e me acolhendo nos momentos mais difíceis.

Aos meus filhos, Lorena e Pedro, razão do meu viver, foram pacientes, e fonte de inspiração para o tema da pesquisa.

Muito Obrigada a todos!

“O medo sempre me guiou para o que eu quero.

E, porque eu quero, temo.

Muitas vezes foi o medo que me tomou pela mão e me levou.

O medo me leva ao perigo.

E tudo o que eu amo é arriscado”.

Clarice Lispector

Resumo

Este trabalho apresenta o uso de dispositivos de imagens no contexto da formação de profissional de saúde, vinculado ao projeto Saúde Mental na Parentalidade. Estes dispositivos, concomitante ao processo grupal, surgem como objetos mediadores na manifestação dos conteúdos subjetivos, gerando contorno aos fenômenos vivenciados e oferecendo associatividade dos processos intersubjetivos do grupo. O objetivo dessa pesquisa é identificar como os dispositivos de imagem num contexto grupal, podem sensibilizar os profissionais, gerar reflexões e contribuir para a mudança da prática profissional na saúde. Método 1 - Dispositivo inspirado na fotolinguagem; Método 2 - Recorte e colagem na construção de reflexões ativas. Discussão: privilegiou-se duas categorias na análise: o ideal da maternidade, e o lugar do pai na parentalidade. As associações mais recorrentes foram: os desafios dos profissionais em enfrentarem suas próprias ambivalências, preconceitos e angústias ao lidar com familiares num contexto de violências. Conclui-se que o processo grupal é compositor das transformações sociais e subjetivas dos sujeitos, podendo ser um campo de trabalho, que a partir de dispositivos de imagens como objetos mediadores servirá de facilitador da manifestação dos conteúdos invisibilizados no cotidiano do trabalho na saúde, favorecendo processos de expressão e de fala fortalecendo as estratégias de intervenção na saúde pública.

Palavras-Chave: Dispositivos de imagem, Grupos, Parentalidade, Profissionais de Saúde.

Abstract

This work presents the use of imaging devices in the context of health professional training, linked to the Mental Health in Parenting project. These devices appear as mediating objects in the manifestation of subjective contents, generating contours to the phenomena experienced and offering associativity of the group's intersubjective processes. The objective of this research is to identify how imaging devices in a group context can raise awareness among professionals, generate reflections and contribute to changing professional practice in healthcare. Method 1 - Device inspired by photolanguage; Method 2 - Cutting and pasting in the construction of active reflections. Discussion: two categories were privileged in the analysis: the ideal of motherhood, and the father's place in parenting. The most recurrent associations were: the challenges faced by professionals in facing their own ambivalences, prejudices and anxieties when dealing with family members in a context of violence. It is concluded that the group process is the composer of the social and subjective transformations of the subjects, and can be a field of work, which, using image devices as mediating objects, will serve as a facilitator of the manifestation of contents made invisible in daily health work, favoring processes of expression and speech strengthening intervention strategies in public health.

Keywords: Imaging devices, Groups, Parenting, Health Professionals.

Lista de Ilustrações

Figura 1 – Modo como as fotos foram dispostas	58
Figura 2 – Modo como os cartazes foram dispostos	58
Figura 3 – Imagens referente a narrativa do grupo 1.....	64
Figura 4 – Imagens referente a narrativa do grupo 1.....	64
Figura 5 – Imagens referente a narrativa do grupo 1.....	64
Figura 6 – Imagens referente a narrativa do grupo 1.....	64
Figura 7 – Imagens referente a narrativa do grupo 4.....	66
Figura 8 – Imagens referente a narrativa do grupo 4.....	66
Figura 9 – Imagens referente a narrativa do grupo 4.....	66
Figura 10 – Imagens referente a narrativa do grupo 4.....	66
Figura 11 – Imagem do grupo 2 -	69
Figura 12 – Imagens referente a narrativa da enfermeira Larissa.....	73
Figura 13 – Imagem referente ao grupo 5.....	78
Figura 14 – Imagens referente a narrativa do grupo 5.....	79
Figura 15 – Imagens referente a narrativa do grupo 5.....	79
Figura 16 – Imagens referente a narrativa do grupo 5.....	79
Figura 17 – Imagem referente a fala da enfermeira Luana.....	81
Figura 18 – Imagem referente ao que é ser mãe - 1 ^a turma.....	82
Figura 19 – Imagem referente ao cartaz - psicóloga Larissa.....	84
Figura 20 – Imagem referente ao cartaz - psicóloga Rayane.....	86
Figura 21 – Imagem referente ao cartaz sobre as narrativas abaixo.....	88

Sumário

Apresentação	11
Problema e Objetivo	12
Capítulo 1 – Grupos e Psicanálise	15
 1.1. Grupos e suas Diversas Configurações	15
 1.2. Grupo de Formação em Saúde Mental na Parentalidade	28
 1.3. Grupo Familiar e a Parentalidade	31
Capítulo 2 – Dispositivos de Imagem como Objetos Mediadores	44
 2.1. Fotolinguagem	44
 2.2. Recorte e colagem de imagens como objetos mediadores	46
 2.3. Delineamento metodológico	48
 2.3.1. <i>O Campo de Estudo</i>	53
 2.3.2. <i>Os Participantes</i>	54
 2.3.3. <i>O Procedimento</i>	55
 2.3.4. <i>Hipótese</i>	59
Capítulo 3 – Resultados e Discussão	61
 3.1. Análise do dispositivo inspirado na fotolinguagem	63
 3.2. Análise do dispositivo de recorte e colagem de revistas	80
Considerações Finais	92
Referências Bibliográficas	97

Apresentação

“Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo”

(Wittgenstein)

Para a psicanálise, a interação humana e sua constituição é tema central e fundante da psique, logo, é inegável que a importância dos vínculos primeiros entre as crianças e os cuidadores que exercem a função parental são a premissa para tal interação. Há uma cadeia de significantes que é construída, na interação entre o adulto e a criança, sendo que os pais constroem sua parentalidade a partir dos filhos que foram um dia, em conjunto com questões culturais e dos vínculos que se estabelecerão nessa jornada. Logo, a infância de cada um, marca substancialmente a constituição da parentalidade, a partir da transmissão psíquica que trazem da sua própria infância. “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa, senão o narcisismo dos pais renascido, na sua transformação em amor objetal [...]” (Freud, 2010a, p. 37). Por esse motivo, a parentalidade é um tema bastante debatido nos últimos anos por várias vertentes do pensamento, mas principalmente, por sofrer atravessamentos sociais e culturais ao longo da história que acarretam num sofrimento social sentido pelas mulheres desde a época de Freud, mas principalmente nos dias atuais, num processo onde vem colapsando o modelo ideal de maternidade, num notável adoecimento das mulheres, com a precarização dos cuidados com a infância (Iaconelli, 2023, p.29). Mas, o que vem a ser a parentalidade, termo que abordaremos nesse trabalho?

O termo Parentalidade é recente e surge em 1961 na França, por Paul-Claude Houzel (Gorin et al., 2015), de maneira a enfatizar a construção dos processos de maternidade e paternidade para além do biológico. Em pesquisas recentes trazidas por Iaconelli (e.g., 2005; 2020; 2021), há um desdobramento bem atualizado sobre o termo, levadas as considerações das crescentes discussões sobre a temática, ela conceitua parentalidade como: “Produção de

discursos e as condições oferecidas pela geração anterior para que uma nova geração se constitua subjetivamente em uma determinada época” (Iaconelli, 2021, p. 17). Assim, compreendemos “parentalidade” como um processo dinâmico ao qual os sujeitos se incubem da tarefa do cuidado materno e paterno, fazendo uma relação entre as gerações, entre os processos conscientes e inconscientes e o contexto sociocultural no qual o sujeito está inserido.

Sendo assim, é inevitável não sermos atingidos pela temática da parentalidade. Ela desencadeia em nós a nossa problemática subjetiva de inter-relação com as gerações anteriores. Ela aparece na clínica nos mais variados tipos de atendimentos, e sempre trazendo algum tipo de sofrimento. Logo, é inegável que há atravessamento da parentalidade na constituição psíquica de cada um, suscitando muitas questões onde busca-se consistentemente respostas. Esse é motivo maior que insere a pesquisadora sobre o tema da parentalidade, onde, a partir das inquietações sobre a clínica onde atua a mais de dez anos, conjugando às questões do atravessamento social, e da implicação política nas questões sobre parentalidade, na busca em compreender como ocorrem as interações familiares, quais suas implicações na saúde mental e no desenvolvimento dos sujeitos e quais as implicações da sociedade como um todo. Sendo assim, a pesquisadora ao ter a oportunidade de ser tutora na formação de profissionais de saúde com ênfase na temática da parentalidade, encontrou a oportunidade única de se aprofundar sobre a temática.

O projeto Saúde Mental na Parentalidade tem como foco principal a sensibilização dos profissionais da saúde para enfrentar situações de violência que atingem, em especial as crianças. A área de saúde é um espaço de encontro entre os profissionais de saúde, os cuidadores e as crianças, servindo como terreno fértil onde podemos atuar no enfrentamento dos desafios contemporâneos das novas configurações familiares e da violência intrafamiliar, em especial nas relações precoces entre o bebê e o cuidador principal.

Problema e Objetivo

Ao longo do projeto, foi identificado a importância dos materiais mediadores com imagem na sensibilização dos profissionais na temática da parentalidade durante a formação, em direção a algo que os remetesse também para suas experiências parentais, mas também de filiação. Assim, algumas indagações puderam ser construídas ao longo da formação, a saber: de que modo os dispositivos de imagem poderiam ser um aliado na sensibilização dos profissionais em relação à parentalidade e favorecer as trocas e a interação no grupo de formação? Amparada na psicanálise, a pesquisadora buscou compreender a utilização dos objetos mediadores por imagem, como instrumento de sensibilização na temática da parentalidade, da violência e da saúde mental. Logo, o objetivo principal deste trabalho é identificar como os dispositivos de imagem propostos no espaço de grupo, podem mobilizar os profissionais, gerar reflexões e contribuir para a mudança da prática profissional na saúde. Para isso, foi necessário pensar três pontos específicos:

- Identificar como os objetos mediadores suscitam no grupo o processo de associatividade intersubjetiva.
- Analisar como as imagens mobilizam os profissionais na temática da parentalidade.
- Compreender como o material mediador por imagem possibilita a elaboração da violência e da saúde mental no exercício da parentalidade.

Este último é um tema de grande preocupação social, principalmente pela condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, que é a criança. A secretaria de segurança pública do DF constata que as violências ocorridas contra crianças de até 14 anos acontecem no âmbito familiar ou por pessoas próximas ao convívio (Machado, 2023). Também, em pesquisa recente, Barbosa (2022) constata que em dados do DATASUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde) houve 2.658 notificações de violência infantojuvenil no ano de 2019, em 2020 um total de 2.724 notificações e em 2021 com 1.178 notificações. São dados altos, levando em consideração que a maioria das violências não são notificadas. Assim, o

atravessamento dos dados de violência contra crianças, relacionados aos motivos pessoais da pesquisadora - que é psicóloga clínica, de onde surgem inevitavelmente questões sobre a parentalidade e as violências, formam a prerrogativa da contribuição social da qual se propõe esse trabalho. Essa pesquisa realizada a partir dos grupos de formação, no projeto saúde mental na parentalidade, poderá contribuir com o aprofundamento sobre a temática da parentalidade, com estudo sobre as metodologias de aplicação de conhecimento e com a promoção de cuidado e conhecimento aos profissionais de saúde.

Capítulo 1 - Grupos e Psicanálise

1.1. Grupos e suas Diversas Configurações

Em seus textos, Freud delineia o lugar da relação do sujeito com o grupo social. O primeiro texto em que aborda as relações sociais é *Totem e Tabu* (Freud, 1912/2012). Nesse texto, Freud trata da origem da cultura e as constituições do convívio social. Ele conceitua a formação da sociedade, como a origem da cultura, como um lugar de desenvolvimento humano e da natureza dos vínculos sociais. Para a teoria freudiana, a sociedade se desenvolve a partir de conflitos e processos psicológicos intrínsecos ao ser humano. No texto, nota-se “totem” como algo a ser relacionado à ideia de um símbolo sagrado que representa a união e a identificação com um grupo, enquanto “tabu” o oposto, representando o estranho, o diferente, o proibido: “Pouco a pouco, então, o tabu torna-se um poder fundamentado em si mesmo, independente do demônio. Torna-se a coerção do costume e da tradição, e enfim, da lei” (p. 51). Freud considera então a formação de identidades individuais e coletivas, os conflitos internos e externos que moldam as relações sociais a partir dos totens e tabus presentes na estruturação cultural desde os primórdios e que reverberam nas constituições subjetivas do sujeito. Em *Psicologia das massas e análise do Eu*, Freud (1921/2011) destaca que uma massa

é uma multiplicidade de indivíduos que se ligam uns aos outros por identificações e que é organizada em função da continuidade de sua existência, criando vínculos afetivos, pontos em comum e diferenciados, que acabam gerando costumes, crenças, e divisões de tarefas. “Partimos do fato fundamental de que o indivíduo no interior de uma massa experimenta, por influência dela, uma mudança frequentemente profunda de sua atividade anímica” (p. 39). Ressalta ainda sobre a importância das identificações, da influência do líder, dos afetos contagiosos dentro das massas e da constituição psíquica do EU a partir da interação de cada grupo do qual o sujeito participa.

Cada indivíduo é um componente de muitos grupos, têm múltiplos laços por identificação e construiu seu ideal de EU segundo os mais diversos modelos. Assim, cada indivíduo participa da alma de muitos grupos, daquela de sua raça, classe, comunidade de fé, nacionalidade etc., e pode também erguer-se além disso, atingindo um quê de independência e originalidade (Freud, 1921/2011, p. 92).

Freud revela que a massa se mostra muito influenciável pelo processo identificatório. Dessa forma, a palavra do chefe é muito importante e tem um grande poder sobre a massa. A palavra, neste caso, pode ser capaz de levar o grupo na direção proposta por aquele que o conduz (Freud, 2010).

Em *O Mal-estar da Civilização*, Freud (1930/2010b) avança nas discussões sobre a civilização e destaca como os indivíduos se unem em grupos e as dinâmicas psicológicas que surgem nesse contexto, além da dimensão social na formação e no funcionamento do sujeito. Ele busca uma compreensão mais ampla do sujeito como alguém que está inserido em um contexto social e cultural, que é influenciado por suas experiências inter-relacionais e constituído por elas. Para ele, as complexidades inerentes à vida em sociedade, abordam questões fundamentais sobre a natureza humana, o conflito entre o indivíduo, a cultura, as

mudanças sociais e políticas que geram a todo instante sofrimento, pelo instinto agressivo presente no homem.

O quê de realidade por trás disso que as pessoas gostam de negar, é que o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim, que ele deve incluir em seus dotes intuitivos, também um forte quinhão de agressividade (Freud, 1930/2010b, p. 76).

Por fim, ele afirma que a dinâmica dos grupos é um reflexo direto das tensões entre o indivíduo e a cultura, onde a civilização impõe grandes renúncias ao indivíduo, “como resultado, seu narcisismo sofre com um grave prejuízo” (Freud, 1930/2010b, p. 66).

Freud é um pesquisador sobre a vida psíquica que se utilizou do dispositivo da clínica bi pessoal como base de sua teoria. Porém, suas pesquisas vão além desse campo. Os textos acima citados são conhecidos como textos sociais de Freud, em que ele busca realizar uma discussão sobre o papel da cultura, da civilização e dos grupos na vida psíquica. Ele faz uma análise de referências importantes de sua época e mostra sua perspectiva conflitiva sobre o ser humano, apontando os desafios de se viver em sociedade, onde precisa escolher sempre entre as próprias demandas, e os limites estabelecidos para uma convivência em sociedade. Para ele, “o supereu da cultura desenvolveu seus próprios ideais elevando suas exigências” (Freud, 1930/2010b, p. 117). Está muito além de seu tempo, com esta afirmação, e acabou influenciando muitos dos pesquisadores sobre as massas, os grupos e a constituição do sujeito a partir da interação social e cultural. Alguns desses pesquisadores, que foram influenciados por ele, buscam trabalhar com grupos e suas constituições na coletividade, mas sem interagirem muito entre si, provocando uma escassez de textos sobre a psicanálise com grupos na primeira metade do século XX. Kurt Lewin, Bion, Siegmund Heinrich Foulkes foram autores que marcaram o início do trabalho com os grupos e que acabaram influenciando os trabalhos posteriores, inclusive a psicanálise com grupos. Mais atuais, e já no campo psicanalítico estão o Renè Kaës, Claudine Vacheret, Renè

Roussillon e Pablo Castanho. Estes já conseguem uma boa interação entre a psicanálise e os grupos, principalmente nas instituições de saúde.

Vale ressaltar que Kurt Lewin, Bion, Siegmund Heinrich Foulkes, construíram suas teorias sem interações consideráveis entre si, tratando-se apenas de uma cronologia sobre grupos que partiram das ideias psicanalíticas, pois estes autores estavam em lugares diferentes e faziam seu trabalho independente da psicanálise. Foi somente a partir das teorizações sobre grupos nos anos 1950-1960, que se fortaleceram e conseguiram aos poucos interações com outros autores de dentro da psicanálise. Assim, esta pesquisa dá preferência por estes autores mais atuais que conseguem interagir com as ideias de Freud e com os trabalhos em grupo.

Em meados de 1933, assim como Freud, Kurt Lewin (1948) enfatiza a influência do ambiente na formação do comportamento humano, embora tenha abordado essa influência de maneira bem diferente. Ele era um psicólogo alemão, judeu, já com doutorado, foi obrigado a deixar a Alemanha passando a morar nos EUA com sua família, onde fundou o Centro de Pesquisa para Dinâmica de Grupo no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Lewin pesquisou o tema utilizando-se da Gestalt, introduziu o termo “dinâmica de grupo” nas pesquisas sociais e foi grande influente no trabalho com grupos na psicologia social, em especial na norte-americana onde pesquisou: psicologia de seu próprio grupo étnico, com ênfase nas discriminações e injustiças; resistência à mudança nos grupos e “existência” do grupo como “entidade social” preconizando a ideia de que os grupos deveriam ser estudados cientificamente (Pasqualini et al., 2021). Lewin foi de grande influência nos grupos nos EUA, e é considerado por muitos o pai da psicologia social.

Já nos anos 40, surge Siegmund Heinrich Foulkes - psiquiatra e psicanalista alemão, desenvolveu a teoria da “Psicoterapia grupo-analítica” (a Group Analytic Society International) sediada em Londres, mesmo local e período em que Bion, realizava seus experimentos em grupo. O trabalho em grupo realizado por Foulkes, era paralelo à psicanálise, e foi nomeada por

ele de “Grupoanálise”, termo que provocou controvérsias: “Foulkes, ao batizar seu trabalho de grupoanálise, delimita um campo próprio e distinto para o trabalho com grupos, e de certo modo, proteger-se desses conflitos marcando nitidamente uma separação” (Castanho, 2018, local.379). Ele foi influenciado por várias correntes de pensamento psicanalítico, chegando a incorporar conceitos psicanalíticos em seu trabalho, principalmente o papel das relações interpessoais na formação da personalidade e na resolução de conflitos psicológicos, no entanto, ele faz frequentemente referência à teoria gestáltica para explicar fenômenos grupais e à fenomenologia. Ela trabalha com uma psicodinâmica dos processos mentais, buscando sempre, a prática fenomenológica do “aqui e agora”.

Wilfred Bion escreve sobre a guerra, onde passou a trabalhar com ex-combatentes. Seu trabalho mais conhecido é o livro *Experiências com Grupos* (1975). Segundo ele:

No grupo, o indivíduo dá-se conta de capacidades que são apenas potenciais enquanto se encontra em comparativo isolamento. O grupo, dessa maneira, é mais que um conjunto de indivíduos, porque um indivíduo num grupo é mais que um indivíduo em isolamento (Bion, 1975, p. 81)

Para ele, “nenhum indivíduo, por mais isolado que esteja no tempo e no espaço, deve ser encarado como externo a um grupo ou não possuidor de manifestações ativas de psicologia de grupo” (p. 156). Ele conceitua em seus estudos sobre a importância dos processos inconscientes e das emoções na dinâmica grupal e em como a vida em grupo é constituinte da psique. “A proposição que desejo demonstrar é a de que o grupo é essencial para a realização da vida mental de um homem” (p. 46). Conceitua também sobre importância dos processos inconscientes e das emoções na dinâmica grupal; sobre o conceito de "contenção" (conter e processar as emoções e tensões dos indivíduos, permitindo assim a elaboração e a transformação desses conteúdos); sobre a capacidade dos grupos de aprender e evoluir ao longo

do tempo e sobre a tendência dos grupos a adotarem padrões de pensamento uniformes e a suprimirem o pensamento crítico e divergente (Bion, 1975).

Nos anos 50 a principal referência no trabalho com grupos, foi Enrique Pichón-Rivièr, fundamental para a compreensão das dinâmicas grupais e a aplicação dos princípios da psicanálise em contextos sociais e institucionais. Pichón-Rivièr nasceu em Genebra, na Suíça, mas foi morar na Argentina onde se formou em psiquiatria. Era psicanalista, e foi responsável por levar a psicanálise Lacaniana para a Argentina. Fundou o Instituto Argentino de Estudos Sociais (IADES). Era casado com Arminda Aberastury (psicanalista infantil). Ele via o grupo como um espaço privilegiado para a aprendizagem, a transformação e a elaboração de conflitos, onde os participantes podem experimentar novas formas de se relacionar e de compreender a si mesmo e aos outros. Constrói sua teoria, a partir da “Teoria do vínculo.” Para ele: “O vínculo configura uma estrutura complexa, que inclui um sistema transmissor-receptor, uma mensagem, um canal, sinais, símbolos e ruídos” (Pichón-Rivièr, 1983/2009, p.11). Em seu trabalho no Hospital Las Mercedes, desenvolveu um trabalho onde propunha tarefas a serem realizadas no grupo. Com isso, percebeu que existiam causas externas ao sujeito que estariam provocando adoecimento psíquico, e que estavam relacionadas ao grupo. Para ele, alguns grupos eram responsáveis pelo adoecimento das pessoas que os integravam: “O que acontece com uma pessoa em um grupo é que às vezes ela fica doente. Essa doença também comunicaria algo dos grupos dos quais a pessoa faz parte” (Pichón-Rivièr, 1983/2009, p. 3). Além disso, explorou a importância da teoria da comunicação na dinâmica dos grupos, enfatizando a troca de significados, a construção de sentidos compartilhados e a influência das relações interpessoais no processo terapêutico. Ele também abordou questões como liderança, poder e autoridade dentro dos grupos, destacando a necessidade de uma distribuição equitativa desses elementos para garantir um ambiente colaborativo e produtivo. Desenvolveu os “Grupos Operativos” onde propõe tarefas como forma de trabalho e processo de aprendizagem. Propõe que o grupo se

apresenta como instrumento de transformação da realidade, onde os integrantes podem estabelecer relações criativas e de aprendizagem a partir dos vínculos que estabelecem entre si (Pichón-Rivière, 1983/2009).

O momento da tarefa consiste na abordagem e elaboração de ansiedades, e na emergência de uma posição depressiva básica, na qual o objeto de conhecimento se torna penetrável pela ruptura de uma pauta dissociativa e estereotipada, que vinha funcionando como fator de estancamento da aprendizagem da realidade e de deterioração da rede de comunicação (Pichón-Rivière, 1983/2009, p. 35)

Essa proposta, construída por Pichón-Rivière, é muito interessante para os grupos formativos que acontecem muito nas instituições de saúde no Brasil. São grupos que constroem didáticas terapêuticas muito particulares e criativas, que buscam atender as demandas de cada localidade, num processo comunicativo e integrativo. Ele propõe contribuições significativas para a compreensão das dinâmicas grupais e o desenvolvimento de uma abordagem terapêutica única, combinando elementos da psicanálise, da psicologia social e da teoria da comunicação, quando oferece uma visão integrada e holística do funcionamento dos grupos. Pichón-Rivière (1983/2009) afirma que:

A didática interdisciplinar se baseia na preexistência, em cada um de nós, de um esquema referencial (conjunto de experiências, conhecimentos e afetos com os quais o indivíduo pensa e age) que adquire unidade através do trabalho em grupo; ela promove, por sua vez, nesse grupo ou comunidade, um esquema referencial operativo sustentado pelo denominador comum dos esquemas prévios (p. 125).

Os grupos não são apenas espaços para discussão e análise, mas também são arenas para a ação e a transformação. No Grupo Operativo, o foco está na tarefa ou objetivo comum que une os membros do grupo, e o trabalho terapêutico é realizado através da reflexão coletiva sobre as ações realizadas para alcançar esse objetivo.

Mais à frente, nos anos 60, surgem autores franceses, que trabalham com a psicanálise e os grupos de modo muito mais implicado, onde buscavam estabelecer uma associação psicanalítica dos grupos. René Kaës é uma referência que consolida o trabalho com grupos até os dias de hoje. É um psicanalista francês conhecido por suas contribuições significativas para a teoria psicanalítica, especialmente no campo dos grupos e das relações interpessoais, e sob forte influência de Pichón Rivière. Em 1968, publica sua tese: *Imagens da cultura entre os trabalhadores franceses*, em Cujas Publishing. Em 1974 liderado por Didier Anzieu (por quem foi fortemente influenciado em seus trabalhos), participa dos Estudos Psicanalíticos de Grupos, que ocorriam na Universidade Paris X-Nanterre. Fundou em 1993, o Centro de Pesquisa em Psicopatologia e Psicologia Clínica da Universidade Lumière Lyon 2 (Regina, 2018). Suas teorias destacam-se pela abordagem complexa e profunda das dinâmicas grupais, enfatizando a importância da herança transgeracional, das alianças inconscientes e das relações grupais (Castanho, 2018).

Kaës busca desenvolver um trabalho que possa romper as barreiras do individual, estabelecendo a perspectiva social do sujeito para resgatar a experiência compartilhada com o outro. Propõe uma adaptação do trabalho psicanalítico que abranja os grupos, as famílias e os grupos institucionais, propondo modelos de trabalho e tarefa nesses grupos. Ele destaca que:

[...] cada dispositivo usado pelo método psicanalítico produz, a partir dos achados clínicos que ele gera e nos quais trabalha, campos específicos de teorização: isso significa que o conhecimento do inconsciente é modificado à medida que ocorrem mudanças na prática da psicanálise (Kaës, 2007, p. 43).

Ele propõe a ideia de alianças inconscientes onde se produzem acordos implícitos, que não são necessariamente reconhecidos conscientemente. São estabelecidos entre os membros de um grupo ou entre indivíduos em uma relação. Essas alianças são moldadas por impulsos, fantasias, desejos e medos inconscientes que influenciam as interações dentro do grupo ou da

relação. “Vemos que o conceito de aliança inconsciente visa, em Kaës, dar conta da especificidade do inconsciente nas relações vinculares, evitando a transposição pura da tópica intrapsíquica freudiana ao grupo” (Castanho, 2018, loc. 949).

Kaës (1976/2017) trabalha o conceito de alianças inconscientes existentes em todas as maneiras de vínculos estabelecidos entre os sujeitos. Para ele:

O que mobiliza o analista em toda a situação psicanalítica é a maneira como o outro (e mais de um outro) nele mesmo faz ou não faz uma aliança com um outro ou com mais de um outro. Está envolvido aqui o fato de o inconsciente permanecer inconsciente ou de se abrirem os caminhos para o retorno do recalcado em condições nas quais o sujeito pode se pensar como sujeito do inconsciente e, correlativamente, como sujeito do vínculo (p. 326).

As alianças inconscientes têm um impacto significativo no comportamento dos indivíduos e no funcionamento do grupo. Elas podem determinar padrões de comunicação, hierarquias internas, alianças e rivalidades dentro do grupo, sem pensar que o grupo é um todo, mas que muitas vezes os membros estão numa interação para além da soma de suas partes, numa configuração para além das relações, como afirma Kaës (1976/2017):

As alianças inconscientes estão no cerne de outros processos: encontramo-las na análise das formas e modalidades de transmissão intrapsíquica porque elas estão no princípio das passagens e vínculos entre os espaços psíquicos. Também estão implicadas na compreensão moderna da formação e do trabalho do pré-consciente (p. 326).

Logo, o grupo produz uma particularidade que é composta pelos seus membros, mas a partir das partes que são as pessoas participantes deste grupo num movimento contínuo e interacional. “A questão é justamente pensar a especificidade do inconsciente no grupo, bem como a relação dos EUs individuais com a experiência intersubjetiva” (Castanho, 2018, loc. 423). Assim, pensar sobre o processo grupal para Kaës é pensar uma nova concepção sobre o

inconsciente no vínculo, tornando sua teoria psicanalítica de grupos compatível com a psicanálise e com a hipótese do intrapsíquico (Castanho, 2018).

Kaës (1976/2017) enfatiza, ainda, a importância das relações parentais e das primeiras experiências emocionais na formação dessas alianças e na maneira como elas se manifestam posteriormente em contextos grupais e relacionais.

É possível considerar que as representações do grupo se constroem a partir das experiências infantis, cujas formulações psíquicas mais rudimentares se realizam no trabalho da fantasia e no das teorias sexuais: essas primeiras representações psíquicas da realidade interna e externa (e antes de tudo da família, dos pais, dos irmãos) governam a representação do grupo (p. 62) .

Essas representações podem desencadear processos de exclusão, projeção e identificação, influenciando a coesão do grupo e a maneira como os membros se relacionam uns com os outros.

Ele destaca a importância de explorar e trazer à consciência essas alianças inconscientes e acredita que o trabalho terapêutico envolve tornar visíveis esses acordos não ditos, permitindo que os membros do grupo ou da relação compreendam melhor seus padrões de comportamento e promovam mudanças positivas (Castanho, 2018).

Kaës constroi, toda uma teoria, sobre o aparelho psíquico grupal, onde busca expandir a teoria freudiana do aparelho psíquico individual para o contexto dos grupos, introduzindo uma perspectiva social sobre os processos psíquicos. Ele propõe que os grupos possuem um aparelho psíquico próprio, que é distinto, mas interligado ao aparelho psíquico individual de cada membro. “O modelo a que propus incluía a concepção de uma psique de grupo, ou de uma alma de grupo, segundo os próprios termos de Freud, mas também tratava do sujeito do inconsciente no grupo” (Kaës. 1976/2017, P. 11).

Esse aparelho psíquico grupal é composto por um conjunto de elementos psíquicos que funcionam de maneira coordenada, permitindo a formação de um espaço psíquico compartilhado, de onde surgem contratos, ao qual denominou de contrato narcísico referindo-se a um pacto implícito entre os membros do grupo. No pacto implícito, cada indivíduo sustenta uma imagem idealizada do grupo e de si mesmo como parte deste grupo (Kaës. 1976/2017, P. 11). Esse pacto ajuda a manter a coesão e a identidade grupal. Ao reconhecer que os processos psíquicos não são apenas individuais, mas também coletivos, Kaës abre novos caminhos para a investigação e a prática psicanalítica em contextos grupais. Sem dúvidas é um dos maiores influentes das teorias psicanalíticas de grupo, produzindo excelentes pesquisas sobre essa temática atualmente, sendo a principal referência para os trabalhos dos grupos institucionais.

Os pesquisadores da atualidade, foram percebendo por esses e outros estudos psicanalíticos que as interações sociais têm um forte impacto nas relações e na constituição do sujeito subjetivo. Assim, a percepção associativa dentro de grupos constrói um discurso intersubjetivo complexo. “Isto significa que não se trata apenas de uma cadeia significante, mas de um conjunto semiótico amplo e composto, no qual se entrelaçam palavras, olhares, lugares, mímicas, gestos” (Kaës, 1994, apud Fernandes e Hur, 2022, p.4). Surgem estudos de várias áreas sobre os trabalhos com grupos, na busca de atender às demandas crescentes do sofrimento social e institucional, dentre eles os de Pablo Castanho, que faz uma excelente contextualização sobre as dinâmicas grupais com o próprio Kaës. Ele afirma que: “é possível propor dispositivos de grupos pertinentes aos diferentes contextos institucionais e pensar sua coordenação em um nível de detalhamento semelhante ao da prática clínica bipessoal” (Castanho, 2018, loc. 507), claro, destacando as diferenças dos objetivos de trabalho em grupo.

Castanho é professor doutor do departamento de psicologia clínica da USP, doutor pela PUC-SP (Castanho, 2012b); Membro da Reseaux Groupe et Liens Intersubjectifs e da International Association for Group Psychotherapy and Group Processes (IAGP); foi

Coordenador de Grupos de Fotolinguagem Terapeutic Formatic com Claudine Vacheret; pesquisa e trabalha com grupos centrados em uma tarefa a partir de uma perspectiva psicanalítica. Possui experiência, sobretudo, nas áreas de saúde mental, atendimento às populações em vulnerabilidade social e multilinguismo. Para ele o trabalho com grupos marca sua perspectiva de trabalhar justamente a relação no grupo, ou seja, ele visa: “capturar elementos dos espaços psíquicos comuns e partilhados da vida social e trazê-los para dentro de um dispositivo concebido para que se realize um trabalho psíquico sobre e a partir deles” (Castanho, 2018, loc. 5678). Ele ressalta que há um excesso de classificações, tipologias e outros constructos sobre os grupos, mas que pouco se acrescenta ao trabalho do próprio movimento de grupo, havendo assim, a constante necessidade de revisões periódicas que permitam atualizações, que não sejam meramente enciclopédicas (Castanho, 2018, loc. 5614).

Castanho discute sobre a dinâmica e a importância da tarefa do grupo dentro de um contexto institucional e social e enfatiza que a tarefa do grupo vai além da simples realização de objetivos específicos, englobando aspectos relacionados à coesão, à interação entre membros, e ao desenvolvimento individual e coletivo. “Assim, é só quando a ação implicada na tarefa pode circular por sentimentos e pensamentos, tornando possível a elaboração psíquica concomitante, que podemos falar de um grupo em Tarefa” (Castanho, 2007, p. 16). Ele define a tarefa do grupo como o conjunto de atividades que os membros precisam realizar em conjunto para alcançar objetivos comuns. Essa tarefa pode variar de atividades simples e operacionais a projetos complexos e estratégicos. “A formulação da tarefa explícita deve promover o engajamento na atividade ao mesmo tempo em que deve buscar evitar excessos de excitação que não podem ser contidos e trabalhados no dispositivo” (Castanho, 2018, loc. 5897). Castanho sublinha que para Pichón-Rivière, a coesão do grupo é fundamental para o sucesso das tarefas. “É preciso que haja uma dimensão explícita (a realização ‘pragmática’ do que é proposto) e outra implícita: a elaboração psíquica” (Castanho, 2007, p. 16). Os Grupos

operacionais de tarefas precisam estar abertos a estas duas dimensões para que a tarefa torne possível a elaboração psíquica. Castanho, busca em seu trabalho incluir uma racionalidade estritamente psicanalítica, mesmo que se utilize termos que muitas vezes são utilizados em outros contextos de grupo. Ele é cuidadoso ao detalhar os motivos e especificidades dos termos. Utiliza-se da noção de tarefa e seu papel central no grupo, além dos elementos de enquadre e parte da técnica de grupos operativos da aprendizagem de Pichón-Rivière” (Castanho, 2018, loc. 5.637). Mas, é o termo “Grupo centrado na tarefa”, apresentado por Graciela Jaciner que orienta o seu trabalho, utilizando-se, porém, de uma racionalidade psicanalítica. Para Castanho, o foco é o trabalho psíquico constante no grupo. Esta é a base a que se propõe a psicanálise desde Freud: o trabalho psíquico. Logo, o que Kaës, Castanho e outros teóricos de grupo buscam é uma proposta abrangente aos grupos, já que, segundo Freud, o sujeito individual é antes um sujeito social. Aqui, vale ressaltar que Freud em Caminhos da psicoterapia psicanalítica, (1919), fala sobre o limite da capacidade e o acompanhamento do processo analítico individual, e sobre a necessidade da abrangência psicanalítica que pudessem atender às demandas sociais. Ele afirma:

Por fim, quero abordar uma situação que pertence ao futuro, que para muitos dos senhores parecerá fantástica, mas que a meu ver, merece que tenhamos o pensamento preparado para ela. Os senhores bem sabem que nossa ação terapêutica não é muito extensa. Somos apenas um punhado de pessoas, e cada um de nós, mesmo trabalhando esforçadamente, pode se dedicar apenas a um número escasso de doentes. Na abundância da miséria neurótica que há no mundo, e que talvez não precise haver... Além disso, as condições de nossa existência nos limitam as camadas superiores da sociedade... Para as amplas camadas populares, que tanto sofrem com as neuroses, nada podemos fazer atualmente. (Freud, 1919, p.291)

Freud continua mais a frente:

Então haverá para nós a tarefa de adaptar a nossa técnica às novas condições... Mas, como quer que se configure essa psicoterapia para o povo, quaisquer que sejam os elementos que a componham, suas partes mais eficientes e mais importantes continuarão a ser aquelas tomadas da psicanálise rigorosa e não tendenciosa. (Freud, 1919, p.292)

Passados mais de cem anos desta publicação de Freud, cá estamos, no futuro em busca de abranger a psicanálise às camadas sociais, e de transmitir o seu legado se fundamentando nos preceitos teóricos da clínica psicanalítica, levando em consideração o rigor da técnica, como proposto por Castanho em seu livros sobre as teorias psicanalíticas de grupo e pelos estudos de Kaës.

O problema não consiste em repetir o que Freud descobriu diante da crise da época vitoriana. O problema é descobrir uma resposta psicanalítica para o mal-estar do homem em nossa civilização presente... Um trabalho do tipo psicanalítico tem de ser feito onde surge o inconsciente: deitado, sentado ou estendido; individualmente, em grupos ou em família... Em todo lugar onde o sujeito pode deixar falar suas angústias e suas fantasias a qualquer um que se suponha entendê-las ou esteja apto a dar conta delas (Anzieu, 1975, apud Kaës, 1976/2017, p.92).

Tendo como base a compreensão dos textos trazidos por Kaës e delineado por Castanho, pode-se buscar compreender um campo de pesquisa que tenha como fundo os conceitos psicanalíticos para as demandas de pesquisa que possam atuar como trabalho psíquico ao mesmo tempo em que possa se construir conhecimento. Nesse contexto, surge esta pesquisa, que se utiliza do trabalho realizado no Projeto de Formação saúde mental na parentalidade em busca de compreender melhor sobre os objetos mediadores na atuação com os grupos. Vale ressaltar que há um ponto em comum entre os autores trazidos nesta pesquisa e o projeto Saúde Mental na Parentalidade, é que alguns dos trabalhos realizados tiveram grupos desenvolvidos nos espaços hospitalares e nas instituições de saúde. Assim, faz-se necessário um delineamento

mais aprofundado sobre o Grupo de formação saúde mental na parentalidade a que se baseia a pesquisa.

1.2. Grupo de Formação em Saúde Mental na Parentalidade

Depois da longa construção teórica do capítulo anterior é preciso trazer para este tópico, como o projeto se apoiou na ideia de grupo proposta pela psicanálise e como se deu tal proposta.

Silveira (2015) comprehende o grupo como “um intermediário entre o indivíduo e a sociedade”, sendo assim, o grupo se constitui a partir de demandas sociais e individuais. Logo, as instituições de saúde, encontraram na formação de grupos, uma possibilidade em atingir a grande demanda social de busca por atendimentos no sistema de saúde. Esse modelo vem se desenhando no Brasil, a algum tempo, por conta das grandes demandas de atendimento no setor público de saúde [...]” (p.7).

Para compreender melhor, retomamos o período anterior à década de 60, onde a saúde era tratada somente no que tange o controle das epidemias e de salubridade na venda de alimentos. Foi somente em 1977, com a criação do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), que a assistência médica passou a ser individual, para os contribuintes da previdência. Constituiu-se o modelo biomédico que busca tratar da doença somente quando estas se instauram. No entanto, esse modelo foi demonstrando-se insuficiente para a melhora dos indicadores de saúde, também por se tratar de um modelo estritamente biológico do entendimento da doença, dividindo o corpo humano em sistemas e órgãos, o que gerou a fragmentação das áreas da saúde resultando na superespecialização médica. (Universidade Federal de Santa Catarina et al., 2018).

Bem se sabe que o processo saúde-doença é muito mais amplo e envolve questões sociais, afetivas e emocionais. Com a criação do SUS em 1988, isso começa a ser levado em

consideração, conjuntamente com condições dignas de alimentação, habitação, trabalho, renda, educação, lazer dentre outros. A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu a saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”. Assim, foi necessário um compromisso social amplo para o planejamento de ações, mas principalmente para a disseminação de conhecimento sobre os modelos de desenvolvimento do sujeito que possam gerar a atenção primária na saúde. Nesse ponto é que entra o projeto Saúde Mental na Parentalidade.

O projeto Saúde Mental na Parentalidade está voltado ao desenvolvimento de uma formação dos profissionais de saúde com um enfoque no trabalho de grupo, tendo em vista que estar em grupo pode promover um espaço de trocas reflexiva sobre a prática, mas também ser uma arena para a ação e a transformação, como aponta Pichòn-Rivière (1983/2009). Nesse sentido, inspirados também nos trabalhos de outros psicanalistas de grupo, a formação em parentalidade se constituiu a partir de um espaço grupal, onde são propostos artifícios de interação que permitam acessar o sujeito de maneira mais ampla, no desenvolvimento de vínculos entre os profissionais de saúde. Para Pichòn-Rivière (1983/2009), vínculo é “uma estrutura complexa, que inclui um sujeito, um objeto e sua mútua inter-relação com processos de comunicação e aprendizagem” (p. 5). Busca-se com isso, um processo para além da pedagogia do ensino e aprendizagem, onde possa se estabelecer relações de troca de experiência e de construção de vínculos a partir das oficinas.

Assim, o projeto Saúde Mental na Parentalidade buscou o modelo de oficinas para a formação da parentalidade para profissionais de saúde, contribuindo na prevenção e promoção da saúde mental no período da gestação e no puerpério, com foco na parentalidade, para o enfrentamento da violência intrafamiliar. Uma das premissas do projeto é que os profissionais de saúde tenham um engajamento nas temáticas e que possam ser multiplicadores do conhecimento na forma de proporem novos “formatos” de grupos para gestantes, puérperas e

suas famílias nos serviços de saúde. Pois, a formação não se trata de uma proposta de um grupo terapêutico, e sim de realizar formação dialógica a partir de oficinas temáticas, concomitantes com trocas de experiências profissionais e vivências pessoais. “Reconhecer a experiência do outro significa entrar em contato com uma possibilidade pessoal até agora desconhecida, o que facilita o conhecimento de si e a ampliação do campo vivencial” (Ancona-Lopez, 1995, p. 97).

Bion (1975) nos indica que existe no grupo de trabalho uma intencionalidade consciente, mas que um grupo recebe também a interferência dos fatores inconscientes de cada um e de todos.

Além disso, o projeto Saúde Mental na Parentalidade buscou formar profissionais de saúde para uma atenção aos vínculos precoces entre a criança e a mãe (ou cuidador), os riscos de depressão pós-parto, as violências sofridas e atuadas e as situações de vulnerabilidade social. Tem como intuito trabalhar, a partir dos grupos em formação, uma escuta qualificada, identificando situações de risco em que mãe e bebê podem estar envolvidos, e atuar de modo preventivo aos riscos que podem estar sujeitos visando promover saúde mental. O projeto busca ainda a disponibilização de materiais, metodologias, estratégia de aplicação de recursos com as famílias, instrumentalizando os profissionais da rede de saúde para desenvolverem junto às mulheres gestantes, pais e cuidadores, ações que promovam práticas parentais com afeto, sem violência, fortalecendo as mulheres, as famílias e a sociedade (Brasil, 2020).

Por fim, o que o projeto propõe é fortalecer as competências parentais e o desenvolvimento de novas habilidades para assim, enfrentarem em seu cotidiano situações de risco das mais diversas formas de violência, sendo algumas a desigualdade de gênero, racismo, violência doméstica, dentre outras.

Tendo como referência a instituição família, de onde partem as principais demandas constituintes do sujeito, busca-se ainda, uma compreensão sobre as parentalidades da atualidade concomitante ao sofrimento social. As relações familiares são fortemente complexas exigindo

dos profissionais de saúde constante busca de recursos e conhecimento, para atuarem com estas famílias no propósito de estratégias que visem condições de trabalho frente aos desafios contemporâneos das novas configurações familiares e da problemática da violência. Nesse sentido, o trabalho com as famílias, e particularmente na relação mãe-bebê, é prioritário na cadeia de configurações sociais, por serem a base inicial de onde pode-se disseminar novos modelos de funcionamento e de conhecimento sobre as interações humanas.

O fato de que, nos primeiros anos de vida, as crianças sejam frequentemente assistidas de perto por profissionais de saúde gera importantes oportunidades de observação e intervenção e, uma vez que esses profissionais sejam advertidos sobre o risco de incidência das várias formas de violência no âmbito familiar, ampliam-se sobremaneira suas possibilidades de ações preventivas (Brasil, 2020). Nessa perspectiva, o Projeto visou sensibilizar os profissionais da saúde na busca de desenvolvimento e conhecimento a partir dessas famílias, nas quais estão em contato diário. Foi uma maneira de se “achegarem mais próximo” às famílias vulneráveis para enfrentar a grave situação de violência , em especial com as crianças.

1.3. Grupo Familiar e a Parentalidade

A família, local onde o sujeito recebe o mundo, é grupo primário de onde se fundam as primeiras relações intersubjetivas e a maneira de como o sujeito irá organizar as relações grupais posteriores. Kaës (1976/2017) traz a concepção de que o sujeito se manifesta nas relações grupais institucionais a partir das interações que ocorreram no âmbito familiar. Para ele:

O grupo é representado através de relações constituídas no âmbito do grupo primário que é a família. Essa hipótese envolve ainda a consideração da estrutura, do processo e das funções de muitos grupos; por isso supus que o grupo mobiliza o princípio da repetição das relações infantis com o objeto; que sua estrutura libidinal é a das identificações; e que seu

processo é governado pela natureza dos conflitos e angústias vividas e elaboradas no grupo familiar (p. 121).

Sendo assim, comprehende-se que há um modelo de funcionamento inicial do sujeito com suas primeiras interações, e que esse modelo será projetado nas relações dos outros grupos institucionais. Kaës afirma ainda, que o grupo surge como função reguladora dos desejos infantis, onde cita a tese de Anzieu de 1966, que preconiza que: “O grupo é o lugar da manifestação de representações recalcadas, afetos reprimidos; é um sonho” (Kaës, 1976/2017, p. 121). Logo, a família é o palco inicial das interações nos grupos, mas não somente isso, ela interage com o grupo social externo a ela e influencia a cultura. Desse modo, entende-se que as mudanças na dinâmica da estrutura familiar, suas concepções, crenças, formações ideológicas, são compostoras do sujeito, do grupo familiar e do grupo social. É dentro desse campo social e grupal que se constitui o grupo familiar, que para Kaës, “não é um simples objeto social, partilhado por seus membros” (p. 213), mas que coexistem numa experiência de serem um só.

Entretanto, entender sobre as dinâmicas grupais é também compreender os grupos institucionais, que são constituídos a partir das composições dos grupos familiares de cada tempo. Sendo assim, buscou-se delinear as teorias que fundamentam a constituição do grupo familiar nos dias atuais, para compor o entendimento dos grupos externos, e articular com as temáticas trazidas pelo projeto Saúde Mental na Parentalidade. Para isso, foi necessário utilizar o termo parentalidade, que estabelece as novas considerações sobre o funcionamento do grupo familiar no século XXI.

Falar sobre parentalidade é, para Iaconelli (2021), pensar nos laços estabelecidos por cada geração na constituição de sujeitos, numa relação que está para além da mãe e do seu filho. Para ela, a parentalidade é a produção “de discursos e as condições oferecidas pela geração anterior para que uma nova geração se constitua subjetivamente em uma determinada época” (Iaconelli, 2021, p. 07), transmitindo valores culturais, transgeracionalidade e laços sociais.

Para compreender como o sujeito nasce para o mundo psíquico e tudo que gira em torno dele, sua estrutura familiar e social, as gerações de cada tempo, é preciso agregar uma cadeia de significados partindo de diversos pontos importantes que fazem parte dessa constituição: o tempo social ao qual se está inserido, as demandas sociais constituintes da cultura, a sociedade em si, a genética, a transgeracionalidade, mas principalmente sua interação com o cuidador principal, lugar que é na grande maioria das vezes ocupado pela mãe, mas que também pode ser ocupado pela avó, pelo pai, pela creche, pela escola ou quem estiver nessa posição de referência principal para o bebê. Portanto, é uma função, que é construída com quem o bebê pode se identificar e criar vínculos primordiais. Nesse ponto, pode se fazer referência a Winnicott, quando concede que a fonte do processo maturacional no indivíduo é facilitada pelo ambiente: “O ambiente facilitador é necessário, e se não for bom o suficiente, o processo maturacional se enfraquece ou se interrompe”. (Winnicott, 1989, p.56). Pode-se interpretar esse ambiente facilitador como qualquer pessoa que consiga se identificar com essa “função materna”, e possa ocupá-la com desejo e afeto. É preciso uma compreensão que inclua todos os modelos familiares que hoje são estabelecidos abrangendo todos os nichos da sociedade, para que se compreenda sobre o sofrimento dos grupos sociais. Essa concepção é mais recente e contesta algumas afirmativas que eram estabelecidas no início da psicanálise, incluindo alguns conceitos, sem desvalorizar seus fundamentos psicanalíticos, mas introduzindo questões de toda a sociedade.

Entendemos, que sob a ótica da psicanálise (Freud e Lacan), a parentalidade é fruto de operações fundadas a cada nascimento de um filho, numa relação social específica, processo que atravessa a dicotomia entre a dimensão pública (política) e a privada (família) (Rosa, 2021, p.23).

Assim, a parentalidade é como uma cadeia que está diretamente interligada entre as gerações e que se influenciam descendente, mas também de forma ascendente, onde o

processo de compreensão e ressignificação de questões psíquicas constroem o aqui e agora de cada um, num todo dinâmico. “Nosso passado organiza nosso presente, [...] mas nosso presente também nos permite reler, reconstruir e reproduzir nosso passado, uma vez remanejado, terá então um novo impacto sobre nosso presente e assim sucessivamente” (Golse, 2019, p. 4).

O termo parentalidade busca, ainda, ampliar os significados de quem cuida e do que constitui uma família na atualidade. É preciso que se possa compreender que as relações parentais, além de intrínsecas no meio social, dizem de um modelo de cuidado, que vai além do pai e da mãe, numa concepção sobre função materna e paterna muito mais ligadas aos vínculos, do que aos preceitos culturais limitantes.

O modelo estrutural edípico–lido equivocadamente na chave imaginária pai-mãe-bebê– acabou por chancelar a família burguesa enquanto estrutura que garantiria a saúde mental da prole. Se a psicanálise foi usada enquanto munição para um modelo claramente ideológico de parentalidade, isso se deve a uma combinação complexa de condições oferecidas pelo capitalismo, pela necessidade de reproduzir normas sociais hegemônicas, mas também pela ferida narcísica que o romance familiar busca tamponar na forma de mito parental (Iaconelli, 2021, p. 12).

Logo, é necessário compreender como a maternidade e a paternidade foram se constituindo e chegaram até aqui da maneira que é percebida e vivenciada. Para isso, fez-se necessário um recuo de duzentos anos, em busca de entender como se chegou à parentalidade da qual se conceitua neste trabalho.

Por volta do século XVIII, houve acontecimentos sociais que influenciaram na maternidade daquele tempo, e que repercutiu nas concepções culturais sobre a parentalidade nos dias de hoje. Essas concepções acabaram por gerar confusão e sofrimento, produzindo um modelo da maternidade idealizado. Sendo assim, considerou-se necessário compreender os

caminhos da parentalidade, a partir de alguns construtos sobre a maternidade, em especial, pela filósofa Elizabeth Badinter.

Segundo Badinter (1985), na Europa do século XVII, os filhos permaneciam pouco com suas mães, eram levados para serem cuidados por amas de leite que os amamentavam e os devolvem tarde, quando eles sobreviam a toda sorte de adversidades. O apego era visto como não educativo, e as prioridades não incluíam as crianças pequenas. A relação mãe e filho era fria e pouco investida. Os altos índices de mortalidade infantil eram um dos responsáveis por esse distanciamento: assim doeria menos a cada morte de um filho. “O amor materno seria uma constante transitória” (Badinter, 1985, p. 85).

Economicamente falando, custava mais barato enviar a criança a uma ama de leite, do que contratar um funcionário para o comércio, ficando a mulher disponível para essa ajuda. Nesse período, as crianças eram marginalizadas, desumanizadas e desinvestidas de afeto. Mesmo as mães que tinham condições de ficarem com seus filhos e os amamentarem, optaram por enviá-los às amas de leite. Davam prioridades aos interesses do marido, a ideologia vigente girava em torno do chefe da moral e dos bons costumes. Resultado de um patriarcado enraizado, opressor e determinante das configurações parentais desse e de outros tempos. E quando essas crianças retornavam das amas, eram enviadas após um período para um internato, onde permaneciam até terminarem os estudos. A educação era praticamente toda terceirizada. Tudo isso ocorria, principalmente na França, era de lá que se importava as “melhores maneiras” sobre cultura e tendências, sendo palco principal e servindo de modelo pelo mundo afora (Badinter, 1985).

No início do século XVIII, o índice de mortalidade infantil no primeiro ano de vida chegava a 27% em Lyon, por exemplo, variando em outras regiões, onde a mortalidade poderia ser consideravelmente maior, caso as crianças fossem abandonadas em asilos ou instituições. Somente no último terço do século XVIII, com as grandes mudanças sociais, econômicas e as guerras, passaram a defender soluções que diminuíssem a mortalidade infantil. Colocaram em

prática, argumentos que moldassem as mulheres a mais uma vez se submeterem aos ideais dos homens. Neste ponto, seria preciso trazer toda uma constituição do lugar em que o patriarcado coloca e realoca as mulheres durante centenas de anos, numa dominação injusta, manipulatória e escravagista. Gerda Lerner em seu livro sobre a constituição do patriarcado traz a trajetória de como foi se organizando o lugar social em que as mulheres foram inseridas.

Lerner (2019) ressalta que no período colonial as mulheres eram vistas como subordinadas e dependentes, não só do marido, mas de todos os homens da família. Também não tinham direito à educação, voto, voz. E mesmo que muitas trabalhassem, eram subjugadas, colocadas em função da procriação e cuidadora do lar e, principalmente, do marido. Logo, a parentalidade é diretamente atravessada por questões políticas e de gênero, num modelo de dominação que começa na dominação da mulher, mas que torna por um longo período a função do cuidado invisível, colocando as mulheres à mercê dos caprichos dos homens e do Estado.

Assim, foram criando-se ideais sobre os cuidados com as crianças, que agora, deveriam ser cuidadas e amamentadas pelas mães, garantindo a sobrevivência destas e atendendo as necessidades do estado. Não haviam contraceptivos, os abortos eram moralmente condenados e as crianças eram um estorvo, não devendo estar em ameios aos adultos. Iaconelli ressalta a preocupação com a conta socioeconômica desse período, colocando a criança num lugar de despesa com retorno financeiro somente a longo prazo. “Feita a matemática, a solução mais fácil, era remeter as crianças ao colo da mãe, reiterando o lugar da mulher na esfera doméstica”. (Iaconelli, 2023, p. 46).

O Estado e a religião passam a investir no discurso sobre o ideal da maternidade e o lugar de rainha do lar. “O novo imperativo é, portanto, a sobrevivência das crianças” (Badinter, 1985, p. 146). Então, as mulheres foram persuadidas de que deveriam dar o seio, garantindo a elas um lugar especial de felicidade e igualdade, caso fossem boas mães. A igreja teve sua função glorificando a mulher que amamenta sua prole, garantindo um lugar celestial na tarefa

de ser uma mãe boa e santificada, passando a ideia de que o amor materno é nato. As imagens de grandes artistas retratando mulheres angelicais amamentando sua prole foram referência.

Igualmente nova é a associação das duas palavras, "amor" e "materno", que significa não só a promoção do sentimento, como também a da mulher enquanto mãe. Deslocando-se insensivelmente da autoridade para o amor, o foco ideológico ilumina cada vez mais a mãe, em detrimento do pai, que entrará progressivamente na obscuridade [...] (Badinter, 1985, p. 145).

A mulher passa a ser cada vez mais única responsável pela maternidade, e com os novos preceitos da ciência sobre o desenvolvimento infantil, coloca ela como detentora do poder sobre o sucesso ou não dos filhos. “O instinto humano atribuído à fêmea humana, passa dessa forma, a ser entendido como fato da ciência” (Iaconelli, 2023,p.4). Com o desenvolvimento das indústrias, a inserção da mulher no mercado de trabalho ficou cada vez mais exigente, e mesmo, passados mais de duzentos anos, ainda temos hoje resquícios bastante fortes num referencial conservador, que culmina num acúmulo e adoecimento social, na busca desse encontro que outrora foi prometido à mulher, de que seria feliz na maternidade e detentora do lar.

Foi somente a partir do século XX, com o avanço das feministas que obtiveram algumas conquistas desbravadoras do lugar de escolha das mulheres (Lerner, 2019).

Começa a nascer uma questionamentos sobre a maternidade e, consequentemente, sobre a parentalidade. A liberdade, com a descoberta das pílulas anticoncepcionais, o controle de natalidade, o espaço no mercado de trabalho, voto, e até de não desejarem ter filhos ou do aborto em alguns lugares, possibilitam a reconfiguração das famílias nucleares, que passam a trazer uma gama de possibilidades relacionais, parentais, heteroparentalidades cis e trans.

A reprodução medicamente assistida desfez os elos tradicionais entre procriação e casamento e entre cópula e procriação. O desejo dos filhos se constitui a partir de novas coordenadas, bem como o desejo de não filhos. A figura feminina submissa ao marido e restrita

aos cuidados domésticos é cada vez menos almejada. As mulheres de hoje buscam realizações profissionais e pessoais ocupando cada vez mais a cena pública e cargos políticos (Café et al., 2020, pp. 59-60).

Logo, a parentalidade nos dias de hoje apresenta mudanças bastante relevantes, se comparadas às mudanças geracionais antes dos grandes meios de comunicação. Considera-se em especial as configurações de gênero, os modelos de recasamento e configurações familiares, as tecnologias aplicadas às concepções e das novas maneiras de relacionamento a distância, modelos de inseminação artificial, dentre outras questões.

Diante disso, como se pode pensar a constituição psíquica do sujeito diante de tantas mudanças sociais, ocorridas nas últimas décadas, permeadas por mudanças na estrutura familiar? A questão é que o ser humano é sempre sujeito de seu tempo. É na reprodução do laço social que se transmite e se constroi a cultura e os grupos desse tempo, o que inevitavelmente repercute na parentalidade. Iaconelli (2021) conceitua que:

Pensar os laços que uma geração estabelece para ser capaz de reproduzir corpos e, principalmente sujeitos, implica ir muito além do que se passa entre uma mãe e seu rebento, sem, no entanto, minimizar a importância dos laços fundamentais um a um. (p. 13)

Assim, a parentalidade se faz no laço, que o cuidador consegue estabelecer com a criança, diante das condições que foram estabelecidas pela sua vida familiar anterior e pelas condições sociais do seu tempo.

Além disso, é constituída no processo, na adoção do filho enquanto filho, ou enquanto função de um outro que seja primordial para a criança (Roudinesco, 2003). Ou seja, ela se inicia numa relação bipessoal entre o cuidador e o bebê, antes que possa ser social, mas já inserida num campo cultural de concepções sociais de seu tempo. A parentalidade é antes de tudo a constituição do sujeito enquanto filho, seja ele desejado, amado, adotado, não desejado, mas de certa maneira sempre dependente de que o cuidador principal entre numa função parental:

A entrada na parentalidade não é, portanto, decorrência da gestação ou do parto, mas de um ato da mulher ou do homem que assume o lugar de mãe ou de pai de uma criança. Nesse sentido, na psicanálise, o ponto de partida da parentalidade sempre implica o paradigma da adoção (Iaconelli, 2021, p. 57).

Portanto, há a necessidade de que os pais, tenham as mínimas condições de tomar posse do lugar parental, para que haja a constituição da parentalidade. É um processo complexo e suscetível, e que vem permeada das vivências infantis dos pais. Sendo assim, é a experiência de quando se foi filho, que ajudam os pais a construírem sua parentalidade, mas não só isso. As questões do tempo a que esta geração está inserida e de como são interpretadas as relações humanas nas construções dos vínculos. Vínculos esses que são atravessados a todo momento pelo laço social (Iaconelli, 2021). Ou seja, a infância de cada um vem marcar substancialmente a constituição da parentalidade, a partir da transmissão psíquica que trazem da sua infância: os sentimentos, desamparos, amores, proteções e violências serão parte constituinte. “O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa, senão o narcisismo dos pais renascidos, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente sua natureza de outrora” (Freud, 2010a, p. 37).

A parentalidade é permeada das angústias basais, é o palco constituinte da maneira como o grupo familiar se relaciona com o mundo, é um lugar que não é redondo, não é perfeito e não tem uma constituição pré-determinada de seus membros. As relações que a família estabelece entre si são resultados de cada tempo, da cultura em que estão inseridos, da economia vigente e das transmissões herdadas das gerações anteriores. “A família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recaladas” (Roudinesco, 2003, p. 21).

Os pais ou cuidadores principais, na angústia de suas próprias questões mal resolvidas, ou educação com modelos agressivos, violentos sem escuta, acabam por medo de repetirem o

sofrimento, ou ainda por não se haver com essas questões acabam por se calar, sem a busca de novos modelos de significação, se omitem, ou apenas não sabem como provocar a mudança. Sendo assim,

Os pais temem o risco de não preservar seja o ideal de ego, seja o ideal narcísico da criança, de um dos pais, da família ou da comunidade. Não dizer é a solução encontrada para o que supõe que pode destruir a criança e a relação dela para com eles (Rosa, 2016, p. 36).

Com isso, entende-se que as relações necessárias para o desenvolvimento da criança acabam por estarem comprometidas num imaginário social do calar, como se fosse possível não mostrar o não dito. Para Freud (1930/2010b), as emoções não ditas, nunca morrem, são enterradas vivas e saem das piores formas mais tarde. Assim sendo, os filhos, são muitas vezes silenciados, mas também os pais se calam para não entrarem em contato com as próprias mazelas, provocando uma lacuna, um vazio da transmissão geracional que precisaria ser ressignificada e revista. O resultado pode ser uma relação parental vazia, mas cheia de repetições grotescas, violentas ou ignorantes dos não ditos.

Assim, o não dito dos pais, retorna nas fantasias repetidas e/ou nos atos da criança. Na possibilidade de haver-se com o enigma, e produzir as próprias respostas, a criança identifica-se e deixa-se capturar pela versão presente no discurso dos pais e, dessa forma, produz-se a repetição de algo do desejo não elaborado dos pais, presente como não dito no seu discurso (Rosa, 2016, p. 38).

Há aqui, um efeito dominó, de perpetuação da violência e/ou da ignorância. Uma transmissão entre gerações que muitas vezes não se entende, mas que é percebida e mantida na cultura familiar e social.

Ciccone (2014) afirma que para que a transmissão psíquica aconteça é necessário que haja identificação, mas não somente isso, é preciso que essa identificação seja projetiva. Freud propôs sobre identificação projetiva em vários de seus trabalhos. Dentre vários autores que

falam sobre o tema, Ciccone propõe três maneiras em que a identificação projetiva se instaura. A primeira fala da base da comunicação não verbal. Ele a chama de infra verbal e aparece nos comportamentos de afeto, carinho, no olhar, nos cuidados. A segunda, é a identificação projetiva onde o cuidador, de forma inconsciente, deposita um conteúdo no espaço psíquico do outro: são as influências, as sugestões, a indução. E tem um terceiro tipo de identificação projetiva também muito importante para compreender alguns sintomas da parentalidade. É quando o sujeito penetra no espaço mental do outro se apropriando da identidade que poderia ser construída por ele, tornando-o como um fantoche, sem ideia ou identidade própria. Ciccone usa o termo “Invasão Imago” para representar esta última: “O termo ‘Invasão Imago’ é usado para descrever uma transmissão alienante e para representar a forma pela qual uma imago parental (um objeto psíquico do pai/mãe) se impõe ou é imposto como objeto de identificação à criança” (Ciccone, 2014, p. 4).

A criança é colocada no lugar de uma réplica ou herdeira, que recebe algo pronto para ser internalizado sem a chance de se construir algo específico, próprio, criativo. Por outro lado, a criança se sente na necessidade de devolver essa identificação que lhe é imposta. Neste caso, na tentativa de retribuição ou num movimento sedutor, a criança acaba criando um EU falso, ou ainda, caso não a abrace para si e tente rejeitá-la, ele constrói um Eu persecutório, instalando-se aí constantes conflitos internos e lutas psíquicas para tentar se afastar dessa projeção que lhe está sendo imposta (Ciccone, 2014).

Esse tipo de imposição da identificação projetiva pelos pais, nos filhos, acaba perpassando as relações familiares e percorrem o âmbito social e cultural. Os sujeitos chegam em sofrimento psíquico muito grande e parecem não ter recursos para se libertarem da imposição materna e/ou paterna. A maternidade e a paternidade transmitem seus desejos e ideais em relação a seus filhos e contribuem para a construção da parentalidade deles, já que toda relação é bidirecional. Para Golse (2019), a organização psíquica do bebê devolve aos pais,

de maneira muito individual e particular o resultado de sua interação com o mundo e com a própria fisiologia corporal, seu temperamento, seu sistema projetivo, as características de sua modalidade de apego, seu estilo de ajustamento afetivo, também a capacidade de afetar e direcionar os pais. uma relação de mão dupla, de troca, que deve ser levada em consideração o peso do impacto da influência dos pais na constituição subjetiva das crianças: “a bebê ativa em nós antigos materiais psíquicos, e que por isso, ele reativa alguma coisa de seu mundo interno, em situação de instauração” (Golse, 2019, p. 2).

A parentalidade é bem complexa e precisa de um olhar para além da relação entre pai, mãe e bebê. Compreender um pouco desse universo se faz necessário, para se dialogar com o lugar social do sujeito que se torna pai e mãe, que muitas vezes pode parecer assustador, em outras vezes veem inundados de desejos e expectativas, mas que no dia a dia, cada um escreverá sua história permeados pelas vivências infantis e pelas angústias dessa responsabilidade.

Diante dessas concepções profundas, complexas e abrangentes, mas necessárias para se compreender a dimensão das temáticas trazidas nesta pesquisa, pode se compreender a dimensão dos grupos, as demandas de sofrimento social, os novos modelos de parentalidade a partir das novas concepções familiares, e a necessidade do trabalho realizado com as instituições de saúde do DF. É claro que não é uma tarefa fácil. Existe toda uma consolidação na estrutura de funcionamento e afetação social e política que acabam por constituírem dinamicamente o sujeito, e que estão enraizadas num processo que já vem acontecendo. Logo, a pesquisa se faz fundamental para a averiguação desses processos, de suas consolidações e de quais caminhos é preciso continuar percorrendo nas gerações futuras que se entrelaçam com as gerações do agora, e com as construções que já nos trouxeram até aqui. A intenção é que suscite conhecimento e mudança nas questões sobre a parentalidade, e nas relações do grupo num processo para além do campo familiar, mas sim num movimento modificador do campo social:

A escuta psicanalítica é, desde Freud, transgressora em relação aos fundamentos da organização social; para se efetivar, implica um rompimento do laço que evita o confronto entre o conhecimento da situação social e o saber do outro como um sujeito desejante (Rosa, 2016. p. 344).

Assim, pode se promover a mudança, ou pelo menos parte dela, pois, se nada for feito: “Um dos efeitos será o silenciamento, o desarvoramento do lugar da fala do sujeito. Estamos no campo do laço social e da política que incidem sobre o objeto e o gozo do sujeito” (Rosa, 2016, p. 35).

Capítulo 2- Dispositivos de Imagem como Objetos Mediadores

2.1. Fotolinguagem

A fotolinguagem foi criada por um grupo de psicólogos e psicossociólogos que faziam um trabalho com adolescentes de maneira intuitiva. Esse trabalho se inicia a partir de 1965 na França, onde se utilizavam de fotos aleatórias para que pudesse facilitar as falas dos adolescentes que tinham dificuldades de se exprimir (Vacheret, 2008).

Vacheret utiliza o termo objeto mediador para exprimir algo que pode ser usado entre o sujeito e o observador com um facilitador: “O objeto mediador é um objeto intermediário entre

o sujeito e o grupo, entre os membros do grupo e, além disso, ele pode ser representativo do próprio grupo como entidade” (Vacheret, 2015, p. 90).

Castanho (2018) refere-se a objetos mediadores no grupo como elementos físicos, simbólicos ou psicológicos que facilitam a interação e comunicação entre os membros de um grupo, bem como o desenvolvimento de vínculos e a construção de significados compartilhados. Esses objetos podem ser tangíveis, como uma mesa de trabalho compartilhada, uma obra de arte ou um símbolo físico que representa a identidade do grupo. Eles também podem ser intangíveis, como uma história compartilhada, uma linguagem própria do grupo ou mesmo um conjunto de normas e valores que orientam o comportamento dos membros.

A fotolinguagem é uma prática que combina a linguagem visual da fotografia com a expressão verbal ou escrita. Vacheret, uma psicóloga francesa especializada em terapia através da imagem, utiliza a fotolinguagem como uma ferramenta para a exploração e compreensão do mundo interno e das experiências pessoais dos indivíduos (Vacheret, 2008).

A fotolinguagem pode ser utilizada em diversas áreas, como terapia, educação, desenvolvimento pessoal e até mesmo em pesquisas acadêmicas. Ela oferece uma maneira não convencional de explorar emoções, memórias e experiências, permitindo insights profundos e facilitando o processo de autoconhecimento e crescimento pessoal.

Ao combinar a linguagem visual da fotografia com a linguagem verbal ou escrita, a fotolinguagem proporciona uma apropriação subjetiva através da simbolização.

O método utiliza fotografias para serem escolhidas e partilhadas no grupo. A seleção das fotos se faz de modo intuitivo; mas são os coordenadores do grupo que por meio do comando orientam a temática da foto a ser escolhida pelos membros do grupo e pelos integrantes do grupo nesse processo (Joubert & Drieu, 2016).

O grupo que se utiliza da fotografia enquanto dispositivo e fica aberto às articulações dos processos associativos, facilitando a passagem do processo primário a que os sujeitos

dispõem, mas que não são de fácil acesso, levando as a um outro processo em uma perspectiva tópica. O que favorece as trocas entre imaginários e entre o interno com o externo dos membros do grupo, como ressaltado por Vacheret:

De um ponto de vista dinâmico, o grupo e o objeto mediador favorecem uma melhor contenção da dinâmica violenta dos sujeitos em luta com seus conflitos narcísicos primários, da ordem da luta pela vida e pela morte. Os grupos de mediação asseguram uma melhor contenção, pois a mediação propõe um espaço de jogo e um hiato, descolando a realidade do imaginário, alterando a posição do sujeito em relação aos seus objetos, o objeto externo, a foto, mobilizando os objetos internos investidos afetivamente (Vacheret, 2008, p. 189-190).

Ou seja, a relação estabelecida com as fotografias dentro do grupo pode mobilizar associações, e facilitar as representações relacionadas às contribuições para um processo transformador das relações sociais, das percepções e projeções que são estabelecidas na relação do sujeito com o mundo externo. Assim, poderá integrar progressivamente projetos de tratamento psíquico com os sujeitos mais vulneráveis.

2.2. Recorte e Colagem de Imagens como Objetos Mediadores

Ao pensar em um espaço grupal que permita expressar e compreender os processos psíquicos humanos e que produza desencadeamentos associativos como um fio condutor até as experiências subjetivas foi necessário um mediador que possa favorecer a apropriação subjetiva através da simbolização. O recorte e a colagem surgem como um objeto que possibilita o alcance da fala do sujeito que muitas vezes não consegue acessar suas vivências subjetivas.

Kaës (1981), introduziu o conceito de objetos mediadores como parte de sua teoria psicanalítica sobre grupos e vínculos sociais. Para o autor, os objetos mediadores desempenham um papel crucial na facilitação da comunicação, expressão e transformação dentro de grupos.

Os objetos mediadores podem ser tanto materiais quanto simbólicos. Materiais, como uma bola em uma dinâmica de grupo, ou simbólicos, como uma ideia ou conceito compartilhado. Eles funcionam como elementos intermediários que ajudam a criar um espaço compartilhado de significados e experiências entre os membros do grupo. Esses objetos podem assumir várias formas, como rituais, mitos, histórias compartilhadas, objetos físicos, símbolos culturais e até mesmo linguagem especializada dentro de um grupo específico. Eles fornecem um ponto de ancoragem para a identidade grupal e facilitam a comunicação e a interação entre os membros. “Logo, o desenho, a colagem, ou as frases produzidas são mediadoras, servem como fio condutor, para que a conversa de conclusão do processo psicodiagnóstico possa acontecer” (Fantini et al., 2022, p. 40).

Os objetos mediadores também desempenham um papel na regulação do espaço psíquico compartilhado dentro do grupo. Eles ajudam a estabelecer fronteiras e limites entre o interior e o exterior do grupo, facilitando a integração dos membros e a coesão grupal. Além disso, os objetos mediadores podem funcionar como catalisadores para processos de transformação e crescimento dentro do grupo. Eles podem ser usados para explorar conflitos, facilitar a resolução de problemas e promover a criatividade e a inovação (Castanho, 2018, loc. 5686).

Os objetos mediadores são elementos-chave na dinâmica dos grupos, facilitando a comunicação, expressão e transformação dentro do contexto grupal. Eles desempenham um papel crucial na construção da identidade grupal, na regulação do espaço psíquico e no desenvolvimento de processos de mudança e crescimento.

Esses dispositivos desempenham várias funções dentro do grupo. Eles ajudam a estabelecer um senso de pertencimento, proporcionando aos membros um ponto de referência comum e uma identidade grupal compartilhada. Além disso, esses objetos podem facilitar a comunicação e a colaboração entre os membros, promovendo o compartilhamento de ideias, sentimentos e experiências.

No âmbito psicológico, os objetos mediadores podem funcionar como catalisadores para processos de reflexão e transformação dentro do grupo. Eles podem desencadear memórias, emoções e insights que promovem o crescimento pessoal e grupal. Além disso, podem ajudar a regular o espaço psíquico do grupo, estabelecendo limites e fronteiras que definem a dinâmica relacional entre os membros. Com efeito, os objetos mediadores no grupo, sob uma perspectiva inspirada por Castanho (2018), são elementos fundamentais que facilitam a interação, comunicação e desenvolvimento de vínculos dentro do contexto grupal. Eles desempenham um papel essencial na construção da identidade grupal, na facilitação da colaboração e na promoção do crescimento pessoal e coletivo. Sendo assim, entende-se que o dispositivo de imagem recorte e colagem de revista, é utilizado como objeto mediador entre os participantes do projeto e os psicólogos que coordenam a atividade proposta, promovendo ao grupo um intermediador entre ambos, em busca de promover um a captura dos espaços psíquicos comuns e partilhados da vida social do grupo.

2.3. Delineamento Metodológico

A proposta da pesquisa se apoiou na pesquisa qualitativa, por se tratar de uma pesquisa que caminha em direção à compreensão do funcionamento do grupo, na busca de significados de como os indivíduos vivenciam as questões sociais, políticas e pessoais, de um ponto de vista dos fenômenos (Creswell, 2010; 2014). “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou

não deveria ser quantificado” (Minayo, 2001, p. 21). Sendo assim, é o meio para explorar o significado que os grupos e os sujeitos se constituem e são constituídos. Valoriza, portanto, a complexidade da subjetividade e individualidade humana, buscando estabelecer o significado de um fenômeno a partir dos pontos de vista dos participantes do grupo, “como parte da realidade social pois o ser humano se distingue, não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (Minayo, 2001, p. 10).

Pensar as concepções sociais, necessita que se atue no universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes do sujeito (Minayo, 2001). Assim, a pesquisa qualitativa insere os conflitos, as ambivalências e as relações interpessoais, que podem ser percebidas de modo a compreender os arranjos trazidos pelos sujeitos dos grupos na interação com os fatos sociais, com as instituições e com o meio a que estão inseridos.

Logo, o humano, inserido num campo social, interagindo com seus pares, vão se constituindo num processo dinâmico, o que leva a autora a levar em conta o humano existente nas interações e relações sociais. Para ela: “não é apenas o investigador que dá sentido a seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade a suas ações e a suas construções, na medida em que as estruturas sociais nada mais são que ações objetivadas” (Minayo, 2001, p. 14).

Uma vez traçado o conceito de pesquisa qualitativa, define-se a escolha da metodologia desta pesquisa, pois o que se busca é compreender em profundidade e complexidade o fenômeno estudado nas relações dos sujeitos nos grupos, afinal, “O objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo” (Minayo, 2001, p. 15).

Dito isso, buscou-se compreender as falas dos participantes para além de seus significados imediatos, de modo singular, mas também intersubjetivo, com a pretensão de possibilidades explicativas e comprehensivas para o fenômeno da parentalidade. Assim, para se

conduzir a pesquisa de maneira linear e crítica, foi utilizado o método da análise de conteúdo de Bardin, numa busca heurística.

A análise de conteúdo de Bardin, pode ser compreendida como um conjunto de instrumentos metodológicos que têm a inferência como diferencial em sua análise, sendo a maneira de se chegar a uma interpretação mais organizada e controlada (Bardin, 1977).

A análise de conteúdo inspirou o trabalho de análise desta pesquisa, pois se trata de um instrumento metodológico que possibilita a interpretação das falas enunciadas nos encontros dos grupos e por ser aplicável a discursos diversificados, tornando-a bastante adequada para a organização e a inferência sobre as narrativas estudadas (Bardin, 1977, p. 15).

Estas inferências procuram esclarecer os sentidos, contribuindo para a compreensão dos elementos psíquicos contidos nas mensagens emitidas nas falas. Pois, para Bardin (1977): “uma análise de conteúdo não deixa de ser uma análise de significados, ocupa-se de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação” (p.15). “Essa forma de análise, enriquece a posição exploratória, possibilitando a propensão à descoberta. Além disso, possibilita hipóteses ou afirmações provisórias que poderão servir de diretrizes aos resultados que se busca alcançar, numa direção de confirmação ou não da hipótese” (p.30).

Para isso, foi realizada uma leitura flutuante das falas, que foram registradas nos encontros grupais da formação nas oficinas pelas tutoras do projeto. As falas foram produzidas durante as aplicações dos dois dispositivos de imagem: o inspirado na fotolinguagem e o recorte e colagem de revistas. Esse foi o momento de passagem do corpo teórico anteriormente estudado para a análise das técnicas aplicadas progressivamente correlacionadas.

Assim, foi realizada a análise sobre os sentidos das narrativas, onde foram organizadas em eixos, o que possibilitou compreender e classificar as falas de acordo com a natureza dos

significados e dos sentidos trazidos pelos participantes. As análises puderam ser compreendidas de maneira associativa sempre buscando preservar a subjetividade do sujeito e do grupo, num movimento cuidadoso e sensível em busca de significados. “O analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios: os documentos que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos” (Bardin, 1977, p. 39).

Posteriormente à análise de conteúdo, optou-se por fazer a análise compreensiva das falas, a partir da referência psicanalítica com ênfase nas teorias psicanalíticas de grupo, pois compreendeu-se que os sujeitos inseridos no grupo de formação participaram de um processo que está em movimento, constituindo intersubjetivamente o grupo (Kaës, 1994). Para isso, a pesquisa contou com uma base bibliográfica das teorias psicanalíticas que deu ênfase às associações que ocorreram entre os sujeitos, buscando assim, uma compreensão mais ampla do processo grupal, na relação com os objetos mediadores.

“Na pesquisa com o método psicanalítico, o pesquisador tem participação ativa no processo justamente para a emergência do material” (Silva e Macedo, 2016). Logo, a pesquisa desenvolvida aqui se pautou nas questões subjetivas e na constituição do sujeito inserido num grupo e campo social, se aprofundando nas questões que constituem a psique do sujeito. Nesse sentido, seguiu-se, como guia perscrutador, a pesquisa em psicanálise. Silva e Macedo (2016) diferenciam a pesquisa em dois modelos sobre o método psicanalítico de pesquisa, entendendo que a “pesquisa em psicanálise” parte da utilização das teorias psicanalíticas como objeto de estudo ou reflexões epistemológicas, podendo ser apropriada por diferentes áreas (e.g., história, filosofia ou sociologia), enquanto a “pesquisa com o método psicanalítico” parte de um preceito ético que exige a participação ativa de um psicanalista na clínica, de modo que o material da pesquisa emerja a partir de uma interpretação posterior à pesquisa e a partir da evocação reprocessada via olhar do analista.

Ressalta-se a importância da realização de pesquisas que se tenham como base as teorias psicanalíticas, uma vez que nessa condição pode ocorrer uma profícua forma de aproximação da Psicanálise com a Universidade, além da importância de se propiciar um reencontro do corpo teórico e técnico psicanalítico. O próprio Freud exercia a pesquisa de modo constitutivo dos modelos a posteriori de análises na psicanálise. Para ele: “O verdadeiro início da atividade científica está na descrição de fenômenos, que depois são agrupados, ordenados e relacionados entre si” (Freud, 2010, p. 52). Assim, a própria psicanálise freudiana se constituiu e se solidificou a partir de questionamentos direcionados às questões estritamente biológicas, provocando importantes transformações nas técnicas relacionadas à psiquê. Sendo assim, para Silva e Macedo (2016) os “princípios éticos da Psicanálise servem de suporte teórico e técnico para a compreensão da singularidade do fenômeno retratado em uma pesquisa com o método psicanalítico” (p. 525). Logo, a Psicanálise propõe um sujeito do inconsciente, que é único em seu funcionamento, mas permeado das interações sociais e apreensões de seu tempo.

Portanto, esta pesquisa seguiu uma orientação bibliográfica perscrutadora de cunho psicanalítico, fora do campo clínico, em direção à compreensão das falas de profissionais de saúde. Não se objetivou uma investigação de cunho clínico, pois não foi utilizado o método clínico.

Buscou-se a construção de um conhecimento que está no sujeito do grupo, que possibilitou o acesso aos conteúdos psíquicos na análise das falas e das interações construídas a partir dos objetos mediadores, buscando um sentido que falasse da individualidade do sujeito a partir da escuta e dos aspectos transferenciais na relação grupal (Silva e Macedo, 2016, p. 527).

Logo, ao escolher a metodologia deste trabalho, foi levada em consideração o sentido do movimento humano, num processo de compreensão que levou em consideração as questões históricas, dinâmicas e de interação constituinte do sujeito. Isso enfatizou as várias relações que

a psicanálise possui com outras áreas (Silva & Macedo, 2016), e como as delimitações epistemológicas desta, desde Freud, seguem uma demarcação de ciência vanguardista a ponto de possibilitar uma abrangência interdisciplinar entre áreas distintas (Iannini, 2023), como pode se observar, por exemplo, no capítulo 1 deste trabalho, a respeito das análises de relações sociais realizadas por Freud (1930/2010b; 1921/2011; 1912/2012).

Essa abrangência da pesquisa em psicanálise permitiu compreender que a pesquisa embasada nas teorias psicanalíticas de grupo influencia e é influenciada pelos campos de ciências humanas, ciências da saúde e ciências sociais que com ela se relacionam e, assim, entremeiam seus interesses entre si, pois, “a psicanálise enfatiza a variabilidade em detrimento da regularidade e generalização dos fenômenos [...]” (Ravanello et al., 2016, p. 112). Nesse caminho, é possível estabelecer que o objeto da pesquisa em psicanálise, tal como das ciências sociais, por exemplo, se situa historicamente em relação com o agora, como ressalta Minayo (2001):

Isto significa que as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configuração são específicas. Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído. Portanto, a provisoriação, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social (p. 13).

Buscando esclarecer ainda sobre a metodologia a qual este trabalho se aplica, é necessário compreender que existe uma base de um trabalho operativo com uma tarefa proposta e a finalidade de formação dos profissionais de saúde, como proposto por Pichòn-Rivière (1983/2009). No entanto, esta tarefa está para além da aplicação dos dispositivos de imagem, correlacionando, assim, o conhecimento adquirido, com a tarefa e com a terapêutica produzida pelas falas sobre questões pessoais do trabalho e da parentalidade. Logo, define-se que é um

trabalho de formação de grupo de profissionais de saúde com objetos mediadores, que suscitam questões para além da formação.

2.3.1. O Campo de Estudo

O campo de estudo desta pesquisa foi o projeto saúde mental na parentalidade, realizado na FINATEC - UnB, direcionado aos profissionais de saúde do DF. Em busca de identificar de que modo as oficinas de formação da parentalidade para profissionais de saúde, contribuem na prevenção e promoção da saúde mental no período da gestação e no puerpério, com foco na parentalidade para o enfrentamento da violência intrafamiliar. Desta forma, buscou-se compreender a interação destes profissionais de saúde com os objetos mediadores e a relação com o engajamento nas temáticas apresentadas.

Compreende-se que na pesquisa qualitativa, o pesquisador é agente e participante, estando ele inserido no campo e interagindo com os sujeitos que dele participam. Além disso, captura informações sobre o funcionamento do grupo e da realidade constituinte, permitindo assim uma apreensão mais profunda na pesquisa (Minayo, 2015).

Logo a escolha do contexto desta pesquisa foi de acordo com a proposta do projeto e está intimamente relacionada ao objeto pesquisado, estando o pesquisador no contexto no qual serão construídos os dados, ou seja, no espaço da formação. É importante ressaltar que não se tratou de uma proposta de grupo terapêutico, e sim de realizar formação dialógica a partir de oficinas temáticas concomitantes com trocas de experiências profissionais e vivências pessoais.

A pesquisa busca compreender as interações que foram sendo construídas no grupo de profissionais durante a formação, de acordo com a natureza dos significados, dos sentimentos evidenciados e das trocas que foram se estabelecendo a partir de uma tarefa proposta, no caso, os dispositivos de imagem. É possível considerar a tarefa com esses dispositivos um local onde aconteceu a pesquisa, pois, “A tarefa é a linha de partida para a cadeia associativa grupal, sendo

a consigna que incita o trabalho psíquico e a produção discursiva dos grupos investigados” (Fernandes e Hur, 2022, p. 2).

2.3.2. Os Participantes

O Projeto contou com a formação de 98 profissionais de saúde, formação essa realizada em quatro módulos. Cada módulo contava com quatro encontros no formato de oficina, e ao final do encontro, cada participante ou grupo de participantes deveriam entregar uma proposta de aplicação de trabalho com novos profissionais ou com famílias num processo de disseminação do conhecimento apreendido na formação, totalizando 20 horas.

Os Participantes foram profissionais da Rede de Atenção à Saúde do Distrito Federal, procedentes tanto das Unidades de Saúde da Rede Ambulatorial, de atenção primária, secundária e terciária, que atuam junto a gestantes, puérperas e cuidadores da primeira infância, prioritariamente nas áreas de maior vulnerabilidade psicossocial. Em sua maioria eram psicólogos, assistentes sociais e enfermeiros. Constaram ainda nutricionistas, médicos, fonoaudiólogos, doula, técnicos de enfermagem dentre outros. Este é um desdobramento do trabalho de formação e pesquisa chamado Projeto Escola da Família (FINATEC, em parceria com a Universidade de Brasília - UnB). Cada módulo constava as seguintes temáticas:

1. Sensibilização: Parentalidade e violência/ O lugar social da mulher gestante, pais e cuidadores e a percepção da violência.
2. Ciclo de desenvolvimento infantil nos dois primeiros anos de idade com enfoque nas necessidades de cuidado físico, emocional e cognitivo e nas relações com a prevenção da violência.
3. Pré-Natal psicológico.
4. A vigilância das violências e a rede de proteção social familiar, comunitária e social.

2.3.3. *O Procedimento*

Utilizou-se dois dispositivos de imagem como objetos mediadores entre o grupo e as facilitadoras na sensibilização para a temática da parentalidade no grupo.

A utilização de dispositivos de imagem pode facilitar a manifestação dos conteúdos subjetivos do grupo, gerando um contorno aos fenômenos vivenciados e trazidos pelos participantes, oferecendo ao grupo um funcionamento associativo. As trocas são favorecidas nos processos de expressão e de fala fortalecendo as estratégias de intervenção na saúde pública, que servirão para o enfrentamento dos desafios contemporâneos face à problemática da violência intrafamiliar, às questões raciais e aos diferentes arranjos na constituição familiar (Joubert & Drieu 2016).

Assim, os objetos mediadores nos grupos de mediação fornecem e produzem elementos que podem ser apropriados pelo trabalho do pré-consciente. O pensamento em imagens deve poder se ligar ao pensamento em ideias [...] (Castanho, 2008, p.07).

Dispositivo 1. *Inspirado na Fotolinguagem.* O grupo foi composto de 25 a 30 profissionais de saúde, que foram divididos em pequenos grupos e conduzido por duas psicólogas. Em seguida o trabalho ocorreu em dois tempos:

1. Os participantes em silêncio observam as fotos que estão dispostas nas mesas e escolhem uma delas e as levam para o grupo. O comando da coordenadora foi: “Escolha uma foto que represente o que seria parentalidade pra você”. A ideia foi de identificar como o material fotográfico poderia mobilizar o imaginário na temática da parentalidade e que, a partir da relação com a imagem, seria possível trabalhar com os sujeitos no que atravessa suas experiências de parentalidade, de modo a sensibilizar os profissionais das equipes interdisciplinares para a temática (Joubert & Drieu, 2016).

Em um segundo momento, foram formados grupos de 5 ou 6 participantes que deveriam construir uma narrativa sobre as fotos escolhidas por cada membro do grupo. A narrativa

deveria abordar a temática da parentalidade, a partir de uma construção grupal. Assim, a combinação da foto de cada um dos integrantes do pequeno grupo contribuiu para a construção da narrativa de cada grupo.

Vale ressaltar que o dispositivo da fotolinguagem foi criado por um grupo de psicólogos e psicossociólogos lioneses. Eles faziam pesquisas com adolescentes e jovens e perceberam que as fotos contribuiam para as falas (Vacheret, 2008). No entanto, as fotos que o dispositivo apresenta são fotos construídas de acordo com a natureza e cultura Francesa, havendo a necessidade de adaptarmos às concepções e realidade do Brasil. Para isso, foi feita uma pesquisa de fotos na internet que relacionassem a representatividade do povo brasileiro, com sua cultura, cor, raça e costumes. Estas foram acrescentadas junto a algumas fotos do dispositivo original. O que possibilitou uma melhor associatividade dos participantes

Dispositivo 2. Recorte e colagem de revistas. A proposta da intervenção é feita em pequenos grupos de 5 ou 6 participantes para a realização da atividade de mediação proposta pela psicóloga Alessandra Arrais (2005).

A mediação com recorte e colagem de imagens consiste na distribuição de revistas com imagens de famílias, adultos e crianças, além de tesouras, cola, cartolina e caneta. É pedido a cada grupo que construa um cartaz com uma narrativa sobre a parentalidade e quais os lugares que podem ser ocupados pelos adultos nessa função. Cada grupo ficou responsável por discutir as seguintes temáticas: o que é ser mãe? o que é ser pai? o que é ser avô e avó? o que é ser rede de apoio? e o que é ser rede familiar? Os participantes deveriam recortar figuras que ilustrem o que é cada função. Solicita ainda que façam colagens de forma intuitiva, sem pensar muito nas questões profissionais. Os grupos são separados. É uma técnica de colagem que funciona com um disparador temático, que tem o intuito de mediar a manifestação dos conteúdos subjetivos, gerando contorno aos fenômenos vivenciados e oferecendo um funcionamento associativo ao

grupo. O método de recorte e colagem integra o pré-natal psicológico proposto por Almeida e Arrais (2016).

Almeida e Arrais (2016) destacam que na gestação a mulher passa por várias alterações, sociais, familiares, conjugais, entre outras. De modo que sentimentos conflitantes na relação com o bebê e na experiência da gestação, da maternidade e da paternidade, podem ser um risco para a saúde mental do bebê e da mãe. Por isso, sensibilizar os profissionais para o desafio da parentalidade é de grande importância para a prevenção e a promoção da saúde mental. Vale ressaltar, que esse modelo de aplicação foi proposto Arrais em sua pesquisa de doutorado com a temática de depressão pós-parto (Arrais, 2005). A partir de seus estudos e metodologias ativas aplicadas nos grupos para puérperas e gestantes, foi sendo construída a metodologia de colagem com questões propostas para a construção de cartazes. Ela observou como este dispositivo de colagem era capaz de facilitar a associação que o grupo construía ao término de cada apresentação, sendo para ela, o principal objetivo desse instrumento trabalhar os estereótipos de gênero “enraizados” entre na sociedade como um todo, mas com foco nos participantes do projeto.

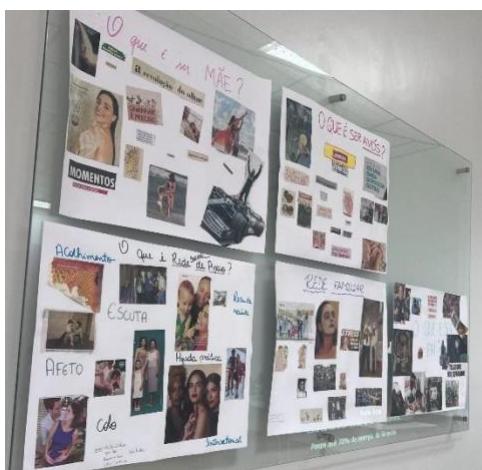
No segundo momento, os grupos apresentam os cartazes, falam como se sentem e a escolha das imagens de maneira livre, o que produz uma associação das temáticas propostas com as próprias questões e com questões do trabalho que realizam cada qual em sua área de atuação na rede de saúde.

Figura 1 - *Modo como as fotos foram dispostas no dispositivo da fotolinguagem*



Figura 2

Modo como os cartazes foram dispostos no dispositivo de recorte e colagem



2.3.4. Hipótese

Para Kaës (1997) o grupo atua como uma realidade psíquica intersubjetiva e interacional, que foi se constituindo nas representações que se organizam desde a infância, a partir das relações primárias (p. 121). Ele propõe a ideia de que são construídas dentro dos grupos, alianças inconscientes entendidas como contratos inconscientes e implícitos entre os sujeitos do grupo.

Complementarmente, entendemos as ideias desenvolvidas por Pichón-Rivière (1983/2009) onde pressupõe que na realização de uma tarefa proposta ao grupo onde figurem integralmente o sentir, o pensar e o agir. Há ali a produção de um grupo operativo, onde poderão ser realizadas intervenções de cunho analítico e de aprendizagem, como bem descreve Castanho:

Sublinhamos que o termo “aprendizagem”, em Pichòn-Rivière, corresponde ao que descrevemos como o movimento da espiral dialética no grupo, portanto, deve ficar claro que o “grupo operativo de aprendizagem” não tem sua aplicação restrita aos contextos de educação formal, mas diz respeito a uma possibilidade de intervenção em qualquer campo da vida social (Castanho, 2012b, p. 55–56).

Esse contexto, ressaltado por Castanho, faz interação direta com os objetivos psicanalíticos desta pesquisa, mas também, com o contexto do projeto de formação, onde

possibilita intervenções que fossem ao mesmo tempo de um lugar terapêutico, mas de aprendizagem e disseminação cultural de novas possibilidades de construções sobre ano parentalidade.

Já os objetos mediadores são conceituados por Kaës (1981) como facilitadores de vínculos, das falas, de expressões e possíveis transformações no grupo. Ele afirma ainda que esses objetos podem ser simbólicos ou materiais como objetos, brinquedos, fotos ou imagens, funcionando como um intermediador entre o sujeito e o inconsciente.

A proposta deste trabalho foi a utilização dos dispositivos de imagens - fotografias e recorte e colagem de revistas - na qualidade de objetos mediadores que fazem emergir produções discursivas em direção a associações inconscientes:

[...] a relação com as fotografias em um contexto de grupo pode mobilizar representações, emoções, que, partilhadas, podem contribuir para um trabalho de transformação do pensar (Joubert & Drieu 2016, p. 92).

Trata-se então de presumir que a *hipótese* deste trabalho é de que os objetos mediadores permitem a associação de questões subjetivas que antes não estavam acessíveis, construindo conhecimento psíquico e cognitivo para além das questões pedagógicas, o que seria possível nas trocas que acontecem no grupo de profissionais de saúde, sob os múltiplos significados subjetivos de suas experiências em campo, mas também das experiências pessoais na parentalidade de cada um, inclusive dos pesquisadores. “[...] Eles depositam em cada membro do grupo as partes de sua psique em sofrimento. Sem ter consciência, os membros do grupo são depositários disso” (Vacheret, 2015, p. 89).

A complexidade de avaliação dos múltiplos significados subjetivos de cada participante, que em consonância com os temas e objetos mediadores, irá reverberar em novos significados grupais, levando os participantes e a pesquisadora a construírem interativamente e no contexto em que estão inseridos, novas concepções e aprendizados. “O objeto mediador é um objeto

entre o sujeito e o grupo, entre os membros do grupo e, além disso, ele pode ser representativo do próprio grupo como entidade” (Vacheret, 2015, p. 90).

A interação entre os participantes, a pesquisadora e os objetos mediadores poderá produzir zonas de sentido da realidade constituindo a possibilidade de se construir conhecimento para além do indivíduo, num campo intersubjetivo, social, político, cultural e num processo constituinte onde, segundo Käes (1976/2017), a pesquisadora também é sujeito, participando ativamente através de instrumentos alternativos.

Capítulo 3 – Resultados e Discussão

Os resultados, foram obtidos a partir de um trabalho em conjunto realizado pelas tutoras do projeto de Brasília, onde eram formadas duplas para as anotações das falas, buscando o máximo de veracidade que fosse possível. A partir desse registro sobre as falas dos profissionais de saúde durante os ateliês de sensibilização na temática da parentalidade, tendo as imagens como objetos mediadores, foram organizados dois eixos de análise: “A idealização da maternidade” e “O lugar do pai na parentalidade”. Buscou-se construir um trabalho de interpretação levando em consideração a objetividade e a fecundidade relacionadas à subjetividade. Pode-se verificar no quadro 1, em anexos, um modelo inicial de análise dos dados seguindo o modelo de análise de conteúdo de Bardin.

Segundo Bardin, o trabalho da análise de conteúdo se define por regras lógicas de organização, categorização e tratamento de dados quantitativos ou qualitativos. Regras que precisam ser preparadas, elaboradas e analisadas cuidadosamente para se chegar a um resultado de análise. “A intenção da análise de conteúdo, é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (qualitativos ou não)” (Bardin, 1977, p.38).

Portanto, o trabalho realizado não se trata apenas de uma cadeia de significantes pré-determinados, mas da compreensão de uma rede associativa que emerge a partir da produção discursiva na relação dos participantes do grupo. É um trabalho onde ocorrem processos inter-transferenciais e alianças inconscientes, além da necessidade de se elaborar questões intersubjetivas evidenciadas na transferência dos psicólogos e dos participantes.

A partir da análise das falas dos participantes, escolheu-se dois conceitos que mais ficaram evidentes nas narrativas, os quais nomeamos de:

Eixo 1: A Idealização da Maternidade

Ideal da maternidade a noção de que existe um modelo de amor que deverá ser exercido pela mulher, sendo ainda incondicional e desprovido de sentimentos hostis. A mãe “ideal”, deveria dedicar-se integralmente aos filhos, e seus sentimentos seriam sempre de afeto, amor, felicidade e completude.

Eixo 2: O Lugar do Pai na Parentalidade

Entende-se como o lugar do pai na parentalidade o modo de como este adulto é visto pelos profissionais de saúde, na relação com a criança e na dinâmica familiar. O pai muitas vezes é identificado como provedor, distante e ausente. O homem acaba ocupando um lugar que muitas vezes é simbólico, idealizado socialmente como o que sustenta a família (lugar na maioria das vezes ocupado pela mulher, mas principalmente por mães solo). Sendo assim, também considera-se que há uma pré-concepção social do lugar que o pai deveria ocupar na sociedade, lugar esse que está em transformação e onde se busca muitas vezes um processo de reconfiguração, como percebido nas falas.

Os conceitos de temas específicos trazidos até aqui, servirão de base para nossa análise das falas e das trocas trazidas pelos participantes do Projeto Saúde Mental na Parentalidade. O

que se busca, é compreender a dinâmica interacional a partir dos objetos mediadores e como estes como estes suscitarão questões psíquicas de associatividade intersubjetiva, que seriam de difícil acesso. Compreender ainda o impacto do grupo em direção às reflexões levando-os a desenvolverem mudanças na prática profissional da saúde e como o material de objetos mediadores por imagem possibilita a elaboração da violência e da saúde mental no exercício da parentalidade.

Foi percebido que a interação entre os participantes, a pesquisadora e os objetos mediadores, propiciaram a produção de sentido das próprias vivências constituindo a possibilidade, numa relação intersubjetiva, de um processo que é ao mesmo tempo terapêutico e de apreensão de conhecimento, evidenciando assim o que Vacheret (2015) chamou de “pensamento metafórico”. “A experiência partilhada pelos clínicos que utilizam grupos de mediação é a de que esse tipo de dispositivo favorece o acesso ao pensamento metafórico” (p.81). O pensamento metafórico é um processo subjetivo de apreensão da realidade na busca de semelhanças entre dois universos diferentes. Para ela, “o pensamento metafórico, se exprime quando o imaginário é mobilizado através de produções individuais e grupais, mas também através de processos que favorecem o acesso à simbolização” (p. 82). Ela caracteriza os processos que os dispositivos de imagem podem proporcionar ao trabalho de simbolização quando há, portanto, dificuldades dos participantes do grupo em se expressarem levando em conta as dificuldades de acesso à vida interna. Dessa forma, foi possível compreender como as imagens propiciam essa relação entre as questões psíquicas e as questões externas propostas pelos grupos.

3.2. Análise do Dispositivo inspirado na fotolinguagem

No primeiro encontro realizado pelo projeto Saúde Mental na Parentalidade, em todas as quatro turmas, depois das apresentações, foi proposto o dispositivo inspirado na

fotolinguagem. Como dito no tópico 2.1, este dispositivo busca proporcionar a partir da imagem escolhida algo que está internalizado, mas que ao se vincular à imagem, traz à tona seus sentimentos. “A relação com as fotografias em um contexto de grupo pode mobilizar representações, emoções, que, partilhadas, podem contribuir para um trabalho de transformação do pensar” (Joubert & Drieu, 2016, p. 96).

Dessa forma, foi possível identificar algumas falas a partir de alguns elementos que se mostraram centrais nas trocas estabelecidas pelos grupos, como “a idealização da maternidade”, que aparece de modo específico, mas também de maneira a influenciar outro ponto de interação, que é o “o lugar do pai na parentalidade”. Sendo assim, por meio de uma escuta psicanalítica, foi possível identificar os significantes que compunham o discurso do sujeito pesquisado, para que se pudesse estabelecer uma relação entre estes e os dispositivos de imagem.

A idealização materna e o lugar do pai na parentalidade, foram temas recorrentes, tanto no dispositivo mediador inspirado na fotolinguagem, quanto no dispositivo de recorte e colagem. Eles aparecem imbricados de tal forma, que o último - o lugar do pai na parentalidade - é decorrente do primeiro - o ideal da maternidade. As temáticas estão diretamente mergulhadas na cultura atual com as demandas da modernidade, mas sob forte influência dos modelos patriarcais dos últimos séculos.

Eixo 1 - O ideal da maternidade de acordo com o dispositivo inspirado na fotolinguagem

Figuras 03, 04, 05 e 06

Imagens referente a narrativa do grupo 1



As análises realizadas nas falas dos participantes (cujos nomes são fictícios, mantendo protegida a identidade de cada um), demonstraram que vem ocorrendo um processo dinâmico de mudanças sobre a parentalidade, mas que vêm permeados de dúvidas, angústias e ainda da influência do que seria uma maternidade ideal a ser executada a partir de um enredo romântico. Aparecem temas sobre o cansaço, a solidão, o trabalho. Mas principalmente sobre como a maternidade é exaustiva e solitária, como pode-se ver na narrativa de um dos grupos:

Era uma jovem que tinha uma vida social, tinha amigos, curtia, era feliz e era muito sonhadora. Via em filmes o príncipe encantado, queria ter sua casa e sua família, sonhava com isso. Começou a ter alguns sintomas diferentes que fizeram-na perceber que estava gestante. Era uma garota muito jovem. Passou a sentir angústias e tristezas. Se tornou mãe e no papel de mãe se queixava: “é muito difícil, estou esgotada!” É diferente do que ela via em filmes, mesmo tendo uma rede de apoio, avós, uma tia sempre por perto, ela sempre estava nesse lugar de muita angústia. Perguntava: “Por quê? Como vou lidar? Tenho que trabalhar, tenho que produzir.” Ela se sentia perdida, começou a desenvolver um adoecimento mental, não sabia como iria terminar, como lidaria com isso. Essa é a história de Luísa (fala de Enfermeira Rosana, Grupo 1).

Percebe-se que ao longo de toda a narrativa existe a evidência da idealização de que a maternidade deveria estar pronta, mas o que aparece é angústia, culpa por não saber como produzir essa maternidade e obrigações que são impostas pela modernidade. Entende-se que o fato de estarem em grupo e terem a possibilidade de colocarem seus pontos de vista, faz suscitar falas mais profundas como no trecho: “Por quê? Como vou lidar? Tenho que trabalhar, tenho que produzir”, mostra o sofrimento que as participantes compartilharam, e como se sentem ao tentar apreender tudo o que está sendo imposto a elas como ideal de maternidade. Iaconelli (2021) pontua que existe uma face obscura sobre a parentalidade que busca garantias sobre a

constituição e formação dos sujeitos: “A busca obsessiva por garantias é uma das grandes questões de nossa época, que encontra no especialista de hoje as pretensas respostas que foram imputadas aos mitos religiosos de outrora” (p. 12).

Essas concepções sobre o ideal da maternidade foram sendo construídos em meados do séc. XVIII, como relatado anteriormente no campo 1.3 sobre os grupos parentais e a parentalidade, mas ainda hoje, esse ideal atravessa os sentimentos e a constituição da maternidade. Badinter (1985) já afirmava sobre essa idealização em seu livro sobre o mito do amor materno. Para ela: “O amor materno não constitui um sentimento inerente à condição de mulher, ele não é um determinismo, mas algo que se adquire. Tal como o vemos hoje, é produto da evolução social desde princípios do século XIX” (p. 128).

É interessante como a temática da parentalidade passa a permear os sentimentos dos participantes, seja por ser um tema que mexe muito com os sujeitos, pois estão todos inseridos em algum modo de parentalidade, seja pela influência que o dispositivo grupal propicia aos participantes fazendo suscitar questões mais intersubjetivas. “O grupo dispõe de estruturas, de organizações e de processos psíquicos próprios. Existe uma criação psíquica própria dos grupos, entidades psíquicas que não se produzem sem o agrupamento” (Kaës, 2005, p. 9).

Assim, percebe-se que a produção de falas mais íntima e pessoal é resultado do espaço com os dispositivos de imagens, mas que é primordialmente um processo grupal diferente do que seria a escuta individual de cada participante, como evidencia Castanho quando discorre sobre a influência da Gestalt nas teorias grupais: “a concepção de que o grupo é diferente da soma dos seus membros figura em todos os momentos fundadores (expressão de René Kaës) das teorias psicanalíticas de grupo” (Castanho, 2012b, p. 49). Veja-se na narrativa do grupo 4:

Figuras 07, 08, 09 e 10

Imagens referente a narrativa do grupo 4



O grupo falou muito do desamparo materno, falamos dessa foto, uma vez a mulher se sente sozinha desamparada, para mim, remete um desespero em relação a maternidade (Psicóloga Laura).

A seguir destaca-se a troca do grupo sobre a temática a partir das imagens:

Eu estava dizendo que essa foto remeteu uma questão pessoal minha, eu estava sozinha em uma cidade nova quando fui mãe, como é isso, passar por uma mudança física e sozinha. Na nossa escuta vem também aspectos da solidão. De achar que o lugar da mulher é função dos cuidados e cuidados domésticos e muitas vezes não tem lugar emocional para dar a essa criança (Psicóloga Maria);

A gente trouxe também sobre a falta de rede de amparo. Muitas mães chegam perdidas em relação a orientar os próprios filhos. Várias fotos falam desse sofrimento materno, da solidão na maternidade. Muitas vezes, o que resta a essas mulheres é segurar o choro, se mostrar forte e dar conta, porque a maternidade é jogada para elas (Psicóloga Laura);

Ao mesmo tempo, essa foto me remete também às questões de mulher, enquanto sujeito que quer ter uma vida amorosa, quer ter uma profissão. É uma dor que eu deixo ali para poder dar conta disso aqui (Psicóloga Clara Luíza);

Isso também me remete a uma dor muito profunda que a mulher precisa dar conta (Psicóloga Maria);

Ficamos pensando enquanto profissionais, como somos convocados a dar uma resposta, na escuta vemos a angústia das mães que a gente também sente. Vivemos dois

momentos, silenciamos as crianças da dor que elas passam, mas também somos silenciados. Falamos dos avós, há uma ideia de que os avós estão dando esse suporte, mas tem muitos avós que não querem cuidar. Não há uma ideia de papéis definidos para ninguém, alguém vai se responsabilizando, por mais que tenha uma comunidade, um entorno, as mães acabam sozinhas (Psicóloga Mila);

Na última foto, comentamos sobre como esse conjunto precisa caminhar junto, para quem não afunda. Esse conjunto de pessoas na parentalidade, na rede, precisa estar alinhado e em sintonia (Enfermeira Luana).

A partir dessa sequência de narrativas, pode-se perceber que cada participante fala de suas experiências e sentimentos pessoais, mas que ao dispor em grupo constroem uma narrativa coesa e constituinte de uma dialética grupal, trazendo sentimentos de pertencimento, de escuta e de uma dinâmica de produção de conhecimento.

Progressivamente, na dinâmica do grupo os sentimentos foram sendo desvelados, fazendo surgir mais falas sobre o ideal materno que ocorre nos dias atuais, perpetuando a crença das atividades centradas na mulher como detentora do cuidado. Como vê-se na fala de uma das participantes:

Aqui é essa mulher, em outro momento, ela estava cuidando da casa, preparava comida para o marido e filhos, trabalhava 40 horas, fazia mestrado, ela precisou abrir mão desse mestrado. Ela está cansada, mas também está feliz pois tem muito afeto envolvido no que ela faz. Apesar de ser difícil, ela se ampara no que recebeu da mãe que já esteve neste lugar, que também a avó esteve. Uma [criança] estava acompanhada do pai e da mãe e a outra, estava sozinha. Pensei que eles estavam desamparados. Mas não estavam, eles estavam limpinhos, cuidados (fala de Enfermeira Joana).

Pode-se observar que a sobrecarga da maternidade, nem sempre é percebido pelas próprias mães, mesmo diante do sofrimento e do cansaço. Outra integrante do grupo

complementa: “Ela está cansada, mas também está feliz pois tem muito afeto envolvido no que ela faz. Apesar de ser difícil, ela se ampara no que recebeu da mãe que já esteve neste lugar e da avó que também esteve” (Fala de participante, enfermeira). A fala evidencia a perpetuação do modelo de uma maternidade idealizada que atravessa o modo como grande parcela da sociedade vê as mulheres, refletindo assim num modelo de maternidade construído socialmente e que perpassa a identidade feminina. É evidente a naturalização das relações de cuidado e do acúmulo das atividades domésticas como uma função da mulher. Isso vem sendo repassado pelas mães e avós num sistema cíclico de dívida e de culpa. As relações de gênero ainda são discrepantes e sofrem julgamentos e idealizações, como nos mostra Iaconelli (2021):

No que tange aos papéis, teremos uma miríade de costumes nos lembrando que, embora a incumbência dos cuidados dos filhos venha sendo, ao longo da história, hegemonicamente das pessoas que gestaram, as variações são enormes. Os papéis de pai/mãe, de hoje, respondem ao período histórico e reproduzem o modelo burguês, cis, patriarcal e heterossexual (p. 14.)

Figura 11

Imagen do grupo 2 - enfermeira Rosana apresenta a narrativa do grupo.



O segundo grupo apresentou uma narrativa referente às concepções culturais existente no modelo parental do Brasil, onde existem muitas mães solo e gravidez na adolescência:

Escolhemos as nossas fotos pensando em uma história em comum de todos nós. Cada um se interessou por alguma foto e com base na narrativa particular construímos a história. Aqui uma foto clássica de uma mulher que está grávida. Pensamos em uma menina adolescente que tem um namorado e começa a descobrir a sexualidade e a libido. Ela já vem de uma família de mães solo. E nesse contexto, por essa mãe ter tido essa filha sozinha, sem pai e sem rede de apoio, com o passar do tempo essa história se repete. Quando adolescente, a menina fica grávida e não recebe apoio da mãe, que não apoia a gravidez. Então essa adolescente se sente sozinha. Então, colocamos a mãe como essa figura da história que se repete. Poderia não ser repetida. Mas, também ela acumula tantas outras funções em nossa sociedade, com tantas exigências. Não adianta ser boa cuidadora se não for uma boa profissional. Quando a mãe se ausenta do ambiente familiar, muitas vezes a criança é violentada ali, em casa mesmo. Tem uma criança que diante de um contexto de muita ausência, fica sem ter um cuidador, uma pessoa principal para estar com ela, ela sente muito desamparo que vai reverberar no desenvolvimento e na fase adulta, fazendo renovar o ciclo. A história mostra a importância de uma figura paterna para dar apoio para a mãe. Acho que tem que ser dessa forma, a família seguindo junto para ultrapassar os desafios (Narrativa do grupo 2 da quarta turma).

Há consciência da sobrecarga da mulher, e da transmissão geracional e cultural que se está vivendo. Essa narrativa traz à tona a angústia do fenômeno parental de cada um, inserido num contexto social e cultural que se tornou possível pela dinâmica grupal. Nesse trecho emerge a realidade social de grande parte do Brasil, num contexto de famílias gerenciadas por mães solo, e que precisam dar conta do sustento e da parentalidade num âmbito geral, como ressaltado pela autora:

Pensar a parentalidade nos obriga a reconhecer que os sujeitos estão submetidos a experiências distintas no cuidado com a prole e que nascer negro ou indígena, por

exemplo, nas periferias do mundo implica a estar submetido a um campo de fenômenos diferentes da criança branca nascida fora de situações de vulnerabilidade social (Iaconelli, 2021, p. 16).

Portanto, a parentalidade é constituída por múltiplas faces, de tamanha importância, é construída sobre os laços, sobre a transmissão cultural e sobre as condições sociais oferecidas em cada contexto. No trecho: “Quando a mãe se ausenta do ambiente familiar, muitas vezes a criança é violentada ali, em casa mesmo” (parte da narrativa do segundo grupo), responsabiliza a ausência da mãe sobre uma violência infligida por um terceiro, o que coloca mais uma vez a mulher no lugar de culpa e responsável pelas mazelas que ocorrem com a criança.

As falas vão ficando mais profundas e subjetivas. Percebe-se que há uma coerência e interação entre os participantes, os sentimentos passam a emergir sobre suas questões parentais, suas experiências num processo de interação. Os temas vão surgindo, desenhando assim um continuum que vai construindo uma cadeia associativa, à medida que um escuta o outro. “No espaço grupal, ela se complexifica, pois o fluxo associativo se dá a partir de uma polifonia de vozes, constituindo uma trama discursiva, ou melhor, uma interdiscursividade” (Fernandes e Hur, 2022, p. 3).

Nessa trama, alicerçada nos padrões normativos de uma cultura patriarcal, passam a desenvolver as falas que buscam respostas para compreender as questões que surgem no grupo e que estão relacionadas com as vivências sociais. Percebe-se que aparece a concepção das responsabilidades paternas e da rede de apoio que poderia vigorar facilitando a parentalidade. Existe um processo de conhecimento e questionamento sobre a sobrecarga na mulher, como pode ser observado no trecho apresentado pelo grupo 3: “A história mostra a importância de uma figura paterna para dar apoio para a mãe”.

Isso vai de encontro com o segundo eixo, mas que também é atravessado pelo ideal materno, incluindo aí a necessidade do olhar sobre a parentalidade para além da mãe, num

movimento de responsabilização da paternidade e de reconfiguração sobre o que deveria ser a função paterna. Assim, passa-se ao eixo sobre “o lugar do pai na parentalidade”, onde se fala sobre a paternidade, não como um ideal, mas a partir do ideal da maternidade, trazendo questões sobre o pai, suas responsabilidades e qual lugar deve ocupar, levando em consideração as concepções trazidas por Badinter (1985) e por Rafael Kalaf Cossi (2020).

Eixo 2 - O Lugar do pai na parentalidade de acordo com o dispositivo inspirado na fotolinguagem

Essa relação sobre a paternidade vinculada ao ideal de maternidade aparece na narrativa a seguir:

As fotos suscitaram coisas diferentes, o pai na cozinha: pensamos, será que isso é pontual? será que é um modo operante dele? Até compartilhei, como as nossas instituições de trabalho que reforçam o cuidado como tarefa feminina. Meu esposo precisou faltar ao trabalho para cuidar do nosso filho, o chefe dele questionou: “onde está a mãe”? ele teve que dizer o óbvio: “eu sou o pai” (fala de Psicóloga Joana).

Nessa fala, percebe-se que a paternidade, vem carregada do ideal da maternidade, onde o cuidado deveria ser responsabilidade da mãe, e não do pai. A capacidade biológica de gerar um bebê, trouxe o significante de mulher enquanto mãe, como uma coisa só, não havendo escolha da tarefa, estando ela condicionada aos trabalhos de cuidar, tanto dos filhos, como das outras funções de cuidar. Quando falamos sobre o pai, não há imposições sobre as responsabilidades do homem em relação aos filhos. Cossi (2020) marca bem a diferença que foi estabelecida entre as duas funções:

Se a maternidade é associada ao naturalizado cuidado com os filhos, intimidade e vida familiar, a paternidade seria constituída em contraposição a ela: autoridade,

insensibilidade e ausência como origem simbólica do privilégio do homem e sua supremacia - logo a paternidade permanecia fora do olhar da cultura (p. 37).

Cossi ressalta, ainda, que não se falava sobre o masculino até os anos 1970. E que a partir dos movimentos feministas, foram acontecendo estudos sobre o masculino, de maneira, ainda discreta, e como “um objeto particularizado de reflexão de gênero” (p. 34). Essas concepções foram fortemente construídas a partir da ideia sobre os valores patriarcalistas, onde o homem seria o detentor da autoridade e esse seria o pilar de sustentação da família burguesa. “o homem assumindo o papel de pai provedor e moralmente superior, e a mulher restrita ao papel materno, ou seja, cuidar dos filhos e do lar” (p. 34). A partir do séc. XX, as coisas começam a mudar, surgem questões de todas as áreas. A mulher passa a estar definitivamente e por escolha própria no mercado de trabalho com força e determinação, e mesmo assim há resquícios culturais que surgem e se acumulam em tarefas e exigências sobre as mulheres, como vemos nesta fala de uma participante:

Figura 12

Imagen referente a narrativa da enfermeira Larissa.



O ideal da maternidade, exige essa mãe idealizada que cuida, que educa, mas que ainda trabalha fora, vai à academia e ganha bem. E que tem gerado muita angústia ao ter que lidar com a paternidade que ficou no modelo patriarcal e onde não se tem a exigência de

que seja revisada. A mesma participante continua sua fala: “[...] depois eu vi que tinha outra figura aqui, um pai, padrasto com um cinto na mão. Não tinha visto isso, a mãe angustiada e abraçada com a filha” (fala de Enfermeira Larissa).

A partir da imagem acima as falas trouxeram uma reflexão sobre a relação homem-mulher na posição parental como pode-se observar a seguir em que o lugar da mulher, fora construído a partir de sua biologia reprodutiva, “sinônimo de maternidade, cuidado e do lar”, enquanto o homem seria o oposto, seria dado a ele o mundo externo, num lugar de negação do feminino e tudo que fizesse parte desse feminino.

A partir da narrativa pode-se observar como indica Cossi (2020), que o masculino se definiria a partir de uma relação de subjugação do outro feminino. O homem seria o detentor do poder e da autoridade, enquanto a mulher do amor e do cuidado, produzindo uma diferença de gênero opostas uma à outra. A autoridade paterna foi sendo cada vez mais exigida como compasso de educação, respeito e virilidade. A violência era o manejo que acreditavam garantir a autoridade. E com a industrialização, o homem passou a estar mais ausente de casa, passando a fortalecer essa autoridade muito mais num campo simbólico do que numa função real.

De toda forma, tradicionalmente a paternidade se mostra num tipo de laço com os filhos radicalmente distinto daquele que a mãe estabelece com ele. Contamos com uma mãe concretamente existente, tipificada pela ocupação dos filhos, ao passo que o pai tem valor ao operar uma esfera simbólica” (Cossi, 2020, p. 35).

A concepção de paternidade foi se constituindo culturalmente regada pelas interferências religiosas e políticas que ainda hoje se mostram evidentes. Cossi (2020) afirma que mudanças sociais importantes geram reações conservadoras advindas do patriarcalismo que está ativo e militante. Assim, ao mesmo tempo em que se tem alcançado mudanças importantes, os homens ainda entendem que precisam reafirmar sua masculinidade oprimindo em especial

as mulheres, e a consequente negação aos cuidados com os filhos. Veja-se na fala de uma participante:

Há um processo de mudança, acontecendo, que busca incluir o pai na parentalidade, nos cuidados e no afeto, mas que ainda são atravessados pela ideia da masculinidade viril e autoritária e da mulher enquanto sinônimo de mãe amorosa (Fala de participante assistente social).

Ou seja, acontecem reivindicações sobre o lugar do sujeito na parentalidade, mas a sociedade está permeada pelas questões culturais advindas dos séculos anteriores, que influenciam a paternidade de hoje, mesmo que esta já seja muito diferente de cem anos atrás. Se os ideais de masculinidade concernentes ao masculino variam segundo a época e sociedade - assim como também diferem à medida que se contemplam marcadores como raça, classe social, etnia e idade - o mesmo se dá para a parentalidade (Cossi, 2020, p. 34).

Cossi ao discorrer sobre a maneira de como a paternidade foi se desdobrando, demonstra um recorte histórico deixando evidente de como as concepções sociais e culturais são acima de tudo grupais. O que fica claro que só se pode adquirir mudanças nas concepções sociais a partir de interações e ressignificações que sejam primordialmente grupais, como já evidenciava Freud (1921/2011):

Partimos do fato fundamental de que o indivíduo no interior de uma massa experimenta, por influência dela, uma mudança frequentemente profunda de sua atividade anímica. Sua afetividade é extraordinariamente intensificada, sua capacidade intelectual claramente diminuída, ambos os processos apontados, não há dúvida, para um nivelamento com os outros indivíduos da massa (p.39).

Logo, as mudanças sociais são possíveis a partir das interações e trabalhos em grupos. No grupo os integrantes escutam a posição do outro de uma perspectiva que antes não seria possível por

conta de sua posição social na comunidade que está inserido, como se pode interpretar no trecho da narrativa que se segue abaixo:

Até que ponto as mulheres e as mães permitem que os pais entrem nesse lugar de cuidado? Muitos pais nem tentam entrar nesse lugar, mas alguns tentam e as mulheres dizem que eles não dão conta (Enfermeira Luana);

Enquanto profissional e com experiência própria. Era legal discutir sobre isso. Eu sou nutricionista de formação, participei muito do processo de aleitamento do meu filho. O profissional só perguntava para a minha esposa, mesmo eu respondendo às perguntas. Nos espaços de poder a mulher é silenciada, nos espaços de cuidado, o homem é silenciado. Eu fui silenciado (Nutricionista Carlos);

Eu acho que hoje o esforço das equipes de saúde é trazer os pais para esse lugar de cuidado. É cultural a mulher se colocar nesse lugar de cuidados e muitas vezes nem permitir que o homem assuma esse lugar. É importante ressaltar que o pai também é ator e protagonista desse lugar, tanto quanto a mãe. O movimento é sobre fazer compreender que tanto o pai quanto a mãe são responsáveis pelo cuidado (Psicóloga Juliana).

As falas estavam sendo do lugar das mulheres na condição social a que estão inseridas. Quando um homem se posiciona e coloca o seu ponto de vista sobre a parentalidade da qual ele busca exercer, percebe-se que o grupo atualiza sua fala sobre a atuação paterna, evidenciando assim, o que Kaës chamou de aparelho psíquico grupal, presente entre os participantes do grupo, e como a interação do grupo ao construir a narrativa, vai se transformando a partir das trocas de opiniões, onde passam a se complementarem, agora como uma soma de ideias que se relacionam entre si.

O aparelho psíquico grupal é a construção comum dos membros de um grupo para constituir um grupo. Trata-se de uma ficção eficaz cujo caráter principal é assegurar a mediação

e a troca de diferenças entre a realidade, em seus componentes grupais, e a realidade grupal em seus aspectos societais e materiais (Kaës, 2017, p. 255-256).

As interações e discussões grupais, vão de maneira dialéticas, niveling o pensamento grupal num processo de aprendizado e compartilhamento social, que visa a atualização dos processos psíquicos grupais, pois se antes os papéis parentais eram bem definidos, pela igreja e pelas leis de reprodução biológica, o que se tem hoje é uma reconfiguração dos lugares que o sujeito pode ou não escolher estar, com a diferença de ser atuante e responsável pela sua escolha. Esta é uma situação nova, que vem se restabelecendo à medida das modificações sociais, e que hoje é preciso levar-se em consideração a sobrecarregada na parentalidade, devido a ideais que foram impostos principalmente à mulher, além de outras demandas que foram se acumulando, inclusive a ideia equivocada sobre o amor “intuitivo” que toda mulher deveria sentir por sua prole. O pai, poderia sentir esse amor e ser cuidador da criança? E quando o filho é adotado, de onde viria o amor? Alguns questionamentos passam a vigorar já que há mudanças significativas na constituição familiar, social e do trabalho acontecendo nas últimas décadas que justificam as mudanças das concepções parentais.

Essas mudanças sociais levam tempo, e vão acontecendo à medida que vão sendo questionadas e geram angústias sociais. O grupo é um espaço de falas é um espaço onde esse processo pode acontecer mais rapidamente. Além disso, o letramento de gênero pode alcançar melhor as mudanças necessárias a que essas mulheres almejam. Tem-se como exemplo os estudos de Badinter, que já criticava sobre a temática da maternidade e paternidade, mas que, somente agora, vem ganhando força social. Ela critica o conceito sobre o amor materno instintivo, desmistificando-o enquanto uma função que seria ocupada exclusivamente pela mãe. Segundo Badinter (1985):

Quanto a mim, estou convencida de que o amor materno existe desde a origem dos tempos, mas não penso que exista necessariamente em todas as mulheres, nem

mesmo que a espécie só sobreviva graças a ele. Primeiro, qualquer pessoa que não a mãe (o pai, a ama etc.) pode “maternar” uma criança. Segundo, não é só o amor que leva a mulher a cumprir seus “deveres maternais”. A moral, os valores sociais, ou religiosos, podem ser incitadores tão poderosos quanto o desejo da mãe (p. 16).

Essas são questões vivenciadas pelos participantes do projeto. Elas emergem nas transferências e contratransferências dos participantes entre si. Eles interagem, de tal maneira que as trocas se mostram mais profundas fazendo surgir questões internas de alguns participantes, confirmado o que castanho (2018) trouxe sobre os dispositivos de imagens como objetos mediadores:

“Os objetos mediadores servem também para facilitar o vínculo inicial, facilitar a fala, quando essa está por algum motivo reclusa e permite a discussão de problemas de maneira indireta, minimizando a possibilidade de conflitos” (loc. 5782). Assim, os participantes ficaram à vontade para discutir sobre as temáticas, foram costurando suas impressões e experiências, num movimento de fazer emergir questões que poderiam gerar polêmicas, mas que a partir do grupo e dos objetos mediadores, fica leve, dinâmico e coeso, mesmo quando se passa a outra temática. Um bom exemplo dessa fluidez, pode ser percebido em um trecho dessas trocas:

Figura 13

Imagen referente ao grupo 5.



Segue a sequência da narrativa do Grupo 5.

Essa foto traz a ideia do momento de nutrição do corpo, e do convívio familiar e trocas afetivas. Essa foto é de propaganda de margarina, embora não haja margarina na mesa, mas há muita salada. Eu quis trazer essa questão do convívio familiar em momentos de refeição. Não há a presença do pai nesse momento, havendo apenas a mãe. (Psicóloga Vanessa);

Me veio também essa ideia de comercial de margarina. Também pensei nessa questão da solidão da mulher, entendendo que a maternidade não são flores. Na verdade, é muito menos que flores. Pensamos em uma família que vai ao parque, às vezes pede a ajuda dos outros, dos avós. (Enfermeira Luana - referente à imagem 5);

Ficamos pensando que foi uma família que se rompeu. O pai está no home office, enquanto o filho reclama de fome (Psicóloga Larissa referente à figura 8);

Pensamos que esse contexto sempre acaba sobrepondo a mãe. A mãe é quem precisa dar conta. A rede de apoio é importante também, assim como a existência de momentos de lazer (Enfermeira Luana).

Figura 14, 15 e 16

Figuras referente à narrativa do grupo 5.



Percebe-se nessa sequência, que constroem a narrativa ao mesmo que relacionam questões de impressões pessoais, trazem os fatos relacionando às experiências sociais. Quando falam sobre o comercial de margarina, fica claro sobre o ideal de família imposto à sociedade como um modelo padrão, onde a mulher é a responsável pela família. A interação que o grupo

produz é alinhada, com questões internas, que em alguns momentos foram apreendidas socialmente oferecendo ao grupo como um todo uma interação de dentro pra fora, como ressalta Kaës:

Basta considerar que há formações psíquicas do inconsciente que apresentam características grupais em sua estrutura, e que a Gestalt dos grupos oferece às pulsões e suas emanações uma forma boa, econômica ao permitir representar relações pré-objetais e objetais estabelecidas no psiquismo e articular a grupalidade interna com a grupalidade social (Kaës, 1976/2017, p.55).

É interessante a fluidez e o continuum das falas que acabam por estar imbricadas umas nas outras. A linha de pensamento que vai de um participante ao outro suscitando situações pessoais que permitem a elaboração das questões internas assim como a construção de novos aprendizados sociais, que só foram possíveis a partir da imagem da foto apresentada. “A característica das terapias por mediação é a proposição da utilização de um ou mais objetos [...] propostos para “brincar (jouer) e colocar em forma” o que não pode estar de forma direta com o clínico. (Roussillon, 2018, apud Castanho 2018, loc.3340). Assim as fotos fazem ressaltar de modo intuitivo associações do pré-consciente como portadoras de significações que não poderiam ser ditas.

Dessa forma o pré-consciente reestabelece as formas imaginárias da vida psíquica que se ressentem da falta de representações de palavra; ele prepara o dizer. Ele participa do processo de simbolização, ligando-o a suas fontes pulsionais, significantes e intersubjetivas (Castanho, 2012b, p. 8).

Há, portanto, um trabalho a ser realizado, que não se trata apenas de uma cadeia de significantes pré-determinados, mas da compreensão da cadeia associativa que emerge a partir da produção discursiva dos participantes do grupo, onde ocorrem processos Inter transferências e alianças inconscientes.

3.2. Análise do dispositivo de recorte e colagem de revistas

Eixo 1 - O ideal da maternidade de acordo com o dispositivo de recorte e colagem de revistas

O dispositivo de imagem utilizado no grupo, atua por intermédio de uma mobilização sensorial, onde induz a uma reativação da capacidade associativa, no intuito de mobilizar os registros psíquicos internos. Para Castanho (2018), isso torna possível produzir um efeito dinâmico de associação, e não somente uma interpretação. A atividade representacional mobilizada pelos dispositivos de imagem tem a capacidade de contribuir para o acesso à experiência vivida. Logo, “A atividade representacional se liga à capacidade de figurar a experiência vivida e, como os grupos de mediação, teriam vocação especial para contribuir com este trabalho” (Castanho, 2018, loc. 2740).

Sendo assim, no terceiro encontro com os participantes do projeto, foi realizada a aplicação de um segundo dispositivo de imagem. Agora com frases mais direcionadas às temáticas propostas pelo projeto. Assim, pode-se perceber a atividade de representação das questões internas e pessoais na narrativa a seguir:

Figura 17

Figuras referente à fala da enfermeira Luana.



Quantas vezes eu precisava lembrar do amor que eu tinha pelo meu filho, no meio do caos de mil coisas, a cachoeira desabando (participante chorando) e lembrando quantas vezes o amor era o que me fazia aguentar. O amor é o que faz aguentar o coração, a cada segundo quando a criança começa qualquer coisa nova que nos faz sentir desamparada (Enfermeira Luana).

A fala da participante é intensa e cheia de emoção, demonstrando que as imagens facilitam o acesso aos processos de intersubjetividade que os mobilizam e os estimulam às articulações entre os participantes, fazendo acontecer uma dinâmica de comunicação mais profunda, além de permitir a compreensão complexa de envolvimento destes profissionais com o trabalho que foram propostos a fazer, com a produção de cartazes.

O que se percebe, de início, é que a produção do cartaz, funciona de maneira a trazer a tona o trabalho psíquico realizado pelos participantes, mas que a função de produzir uma tarefa, movimenta o grupo em direção ao tema proposto, fazendo ressoar a discussão como num movimento um pouco mais linear. Observou-se que há um processo de transferência do grupo com a produção dos cartazes. Castanho, interpreta que o grupo centrado na tarefa, fica acessível para associações e simbolizações num processo com o grupo:

[...] sobre a transferência com a tarefa, esta, atrai não somente um discurso racional sobre o tema proposto, mas possui também uma força de atração dos conteúdos psíquicos pouco ou não apropriados ligados ao tema. Deste modo, se atualizam no grupo, aspectos relacionados a ela, mas que quando dramatizados, são revividos sem consciência dessa relação (Castanho, 2018, loc. 5848).

Logo, a produção dos cartazes fez reviver conteúdo da própria parentalidade dos participantes, concomitante ao trabalho mais profundo sobre as temáticas propostas, a qual analisa-se aqui sobre o ideal da maternidade, como vemos na fala a seguir:

Figura 18

Cartaz referente ao que é ser mãe - 1 turma



Escolhi uma imagem de uma mulher grávida, com o pai ao lado. Esse aqui seria o ideal materno. Mas também sentimos muitos desgastes, (mostra uma imagem no cartaz que representa as dúvidas da maternidade). É a representação da culpa e de como essa mãe se observa diante do abandono e da solidão materna. Tem essa última imagem que representa uma mulher com cara de plenitude, que pode passar pelas ambivalências da função materna. Como mãe, sinto que preciso fabricar um filho bom. (Doula Helena)

Os participantes conseguem falar sobre como se sentem, fazendo surgir uma experiência interna relacionada ao ideal materno e suas exigências dentro da parentalidade. Assim, a partir dos elementos externalizados no grupo pelas falas de outros participantes, são acessados internamente trazendo à tona suas experiências parentais, de desamparo ou ainda suas angústias. O grupo serve como continente de acolhimento e escuta, como ressalta Vacheret (2015): “O grupo, como a mãe, exerce a função de intérprete, de tradução, de transformação de atos ou de sinais mensageiros de um sofrimento” (p. 89). Assim, muitas falas surgem num contexto que fala do intersubjetivo vivenciado e aprendido no grupo, como se confirma na fala a seguir:

Me lembro de ter pensado: “eu amo essa criança, mas se eu pudesse não ter tido eu teria não ter tido ela”. Não foi uma situação que gerou condições psicopatológicas para o bebê, mas a mãe é a cuidadora fundamental da criança e eu não a quis por uns instantes. Houve um estudo de caso em que, após o nascimento, foi necessário criar uma relação entre a mãe e o bebê dela. É importante dar o apoio necessário para nós mulheres, para lidarmos com a realidade (Terapeuta Ocupacional Fernanda).

As experiências vão sendo favorecidas num processo de integração do que foi experienciado em suas vidas psíquicas e os novos conceitos em discussão no processo de formação, constituindo assim produção de conhecimento, num processo para além do racional, mas numa identificação de sentimentos antes de difícil acesso, como ressaltado por Castanho (2018):

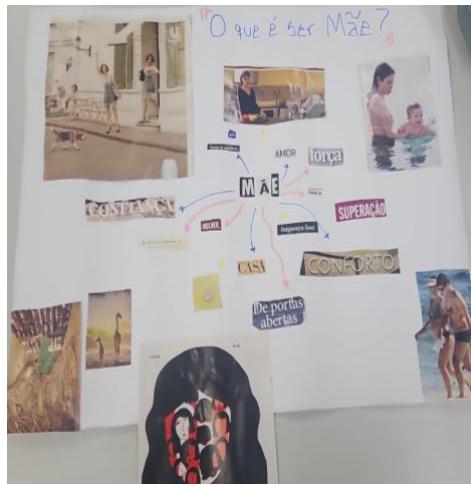
Como o vivido no aqui e agora no grupo assume com frequência a forma de uma dramatização e esta pode ser pensada em forma de fantasias coconstruídas, trata-se amiúde de identificar e nomear a(s) Fantasia(s) que estruturam a relação dos sujeitos, do subgrupo, do grupo no aqui e agora com a tarefa (loc. 5848).

Assim, os participantes conseguem apreender sobre a parentalidade, de maneira intersubjetiva, num movimento de escuta e de fala, podendo trocar, enquanto grupo, experiências, sentimentos e novas perspectivas sobre a maternidade.

Na narrativa a seguir, a participante, demonstra, suas questões sobre a temática da parentalidade:

Figura 19

Imagen referente ao cartaz- psicóloga Larissa.



Nessa [figura 19] conseguimos ver o bebê idealizado, os desejos que esperamos dos filhos. Os cuidados que ficamos preocupados enquanto mãe. As vacinas, alimentação, saúde. Uma lista interminável de afazeres da maternidade. Totalmente enlouquecida em alguns momentos, e cansada em outros. Não temos a opção de não dar conta, nos cuidados com a criança. É assustador! (Psicóloga Larissa).

Essas falas trazem à tona, as questões pessoais e profissionais que muito apareceram nas discussões a partir da aplicação dos dispositivos de imagem. Então, para as participantes, a parentalidade é diferente se relacionada à mulher e ao homem. Quando falam da maternidade, trazem sentimentos de angústia e culpa, daí o ideal materno que está intrínseco nas falas cheias de sentimentos e emoção. A produção dos cartazes com imagens, vai produzindo representações referente a novas concepções do laço maternal, proporcionando aos participantes, uma compreensão onde se possa romper alguns paradigmas sobre os modelos tradicionais de maternidade e paternidade, suscitando a realidade que eles atuam e estão inseridos. Badinter, em 1985, trouxe muitas contestações sobre a maternidade. Ela deu o exemplo de Madame Guitton, que a surpreendeu por ser uma mulher educada e que questionava bastante como se sentia na maternidade:

Demonstram que a maternidade é mais difícil de viver do que em geral se crê e que a toda-poderosa natureza não dotou a mulher de armas suficientes para enfrentá-la. Por

não ser suficientemente masoquista, Madame Guitton sofre sem tirar nenhum proveito dessa dor. A condição feminina parece-lhe tão pouco invejável que ela confessa: “Veja: eu gostaria de nunca ter tido filhas... ao afirmar a sua natureza, eu lhes daria uma possibilidade a mais de sofrer pequenas alfinetadas e a mediocridade da existência” (Badinter, 1985, p. 352).

O exemplo de Badinter, mostra o que os profissionais de saúde, trazem em suas falas sobre a própria maternidade, mesmo quase 40 anos depois, ainda se vive resquícios do ideal da maternidade já questionado anteriormente. A possibilidade de associarem suas vivências parentais às questões trabalhadas no grupo a partir da produção de cartazes, proporcionará uma relação de representação da parentalidade quando estas forem atuar na rede de saúde.

Logo, a tarefa proposta parece facilitar a condução das trocas que ocorrem no grupo produzindo falas articuladas por uma representação interna mútua, favorecendo a compreensão dos movimentos grupais e seus processos interativos. Ela apresenta um eixo em torno do qual os grupos se organizam, podendo ser compreendida num processo de desenvolvimento de uma engrenagem grupal, em direção à finalidade a ser cumprida, que foi a produção de cartazes com perguntas específicas.

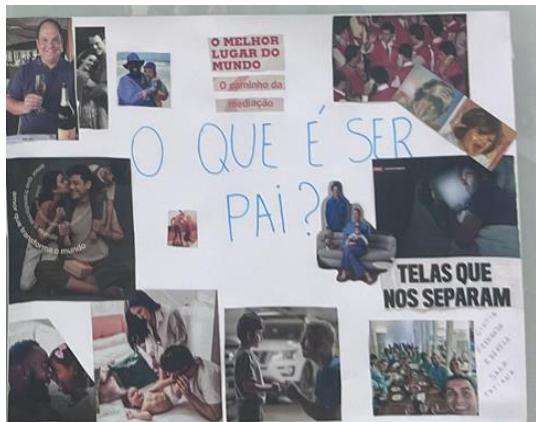
Eixo 2 - O lugar do pai na parentalidade de acordo com o dispositivo de recorte e colagem de revistas

Progressivamente, a apresentação destes grupos e de suas dinâmicas foi permitindo desvelar os sentimentos agora direcionados à maneira com que é percebida a função paterna. Estas percepções apareceram na aplicação do dispositivo de imagens de recorte e colagem de revistas, mas que agora, com um direcionamento mais claro, com a pergunta: o que é ser pai? Assim, surgem falas com mais expressão e focadas no tema proposto. Foi percebido, que a sugestão da temática, faz ressaltar questões inconscientes, mas alocada ao campo da

parentalidade, direcionando assim o grupo ao processo formativo, com apreensão de conhecimento a partir das trocas estabelecidas, como pode ser percebido na narrativa do grupo:

Figura 20

Imagen referente ao cartaz - psicóloga Rayane.



A gente começou colocando algumas figuras que fazem uma divisão entre uma cultura idealizada e a vida real. Esse lugar do homem que está alheio dentro do contexto da parentalidade. O homem é ausente em um contexto machista. E para o homem às vezes isso nem aparece. As pessoas não percebem, é assim: “Nossa, ele me ajuda muito, que homem maravilhoso, que ajuda essa mulher a estar com o filho!” Mas tem esse outro lugar do homem que está muito fora da nossa realidade ainda. Um homem alheio, que já trabalhou o dia todo fora e ainda precisa estar com a mulher em casa. Essa parentalidade pode gerar um surto! A situação de o casal não estar conectado, também atrapalha. A cultura acaba mesmo por separar o casal, colocando o homem no direito de um momento de lazer que às vezes a esposa e o filho não participam com o pai (Psicóloga Rayane).

A fala da participante sobre o cartaz, demonstra como os participantes interagem entre suas próprias concepções internas e as concepções que vão surgindo no grupo. Supõe-se que o

fato de estarem falando sobre o tema da parentalidade e o lugar do pai na parentalidade vem sendo dinamizado em trocas dialéticas que aconteceram em dois encontros anteriores, fazendo surgir questões que são vivenciadas no hoje numa interação social. Essas questões são fortalecidas pela cultura a qual está se instaurando e reconfigurando no aqui e agora, promovendo um movimento entre o eu e o outro que se escuta. Logo, o grupo é lugar de conversa e de um conhecimento e aprendizagem que se produz no encontro com outro. “Formar um grupo é então dar possibilidade para a conversa e a tensão entre as contradições” (Castanho, 2012, p.53).

O que acontece é que uma pessoa em um grupo comunica algo do conjunto e se transforma na comunicação discursiva entre os membros do grupo. Castanho (2012) utiliza-se do termo dialética como central para explicar o movimento de processo grupal de Pichòn-Rivière. Ele ressalta sobre a intensidade dos diferentes elementos explicitados e vividos no grupo como as emoções, os afetos, reflexões sobre o próprio grupo, fantasias que emergem e outros. Esses elementos intensificam as trocas no grupo. Mas existe ainda a superação qualitativa que ocorre no grupo provocando uma superação dialética, ou insights, que implicam uma mudança de compreensão e vivência da situação, podendo levá-lo a outra maneira de se estruturar.

Mudam, por exemplo, as relações de interdependência estabelecidas, o clima do grupo etc. Assim, a dialética nos fala não só do movimento inerente à realidade, mas do caráter descontínuo desse movimento. A história é povoada por revoluções, a ciência, por trocas de paradigmas, e a evolução psíquica, por insights (Castanho, 2012, p. 53).

Assim, pode-se compreender que o movimento que vem ocorrendo no grupo pode ser compreendido como um processo de transformação social e cultural numa troca dinâmica de experiências e conceitos. Essa experiência conduz o grupo rumo à mudança e a novos conceitos

sobre a realidade. Pode se perceber nas narrativas a seguir, como os participantes constroem essa dinâmica dialética interacional de trocas e conhecimentos:

Figura 21

Imagen referente ao cartaz sobre as narrativas abaixo.



Ser pai é: Pensando na normalidade na cultura brasileira. Há versões de paternidade, focando que o pai continua com as atividades que tinha anteriormente da paternidade, sem serem afetados diretamente com a paternidade (Enfermeira luíza);

A vida sexual deles continua ativa, e acaba que são irresponsáveis sobre a fecundação, que recai em cima da mulher (técnica de enfermagem Andrea);

Há a infidelidade, assim como, a dificuldade dos homens de lidar com a nova configuração familiar. Têm uma nova versão da paternidade que está sob discussão sobre a função paterna, do pai que assume suas responsabilidades, não na função de ajudar a mãe, mas sim de se colocar no lugar de responsabilidade (psicóloga Vanessa).

No início das narrativas, surgem as queixas sobre o modelo de paternidade existente. Os discursos vão se transformando e surge um exemplo real sobre a nova paternidade da qual estão almejando, o que faz o grupo refletir sobre suas responsabilidades no processo a que se busca mudança, veja-se no trecho: “Aí veio o segundo casal, o pai ele colocou o bebê e tirou a

fralda com muita dificuldade, eu já estava angustiada, olhei pra ela, a mãe, ela estava muito tranquila! Falei: quando terminar você me fala. Ela está dando direito a ele de aprender, em nenhum momento ela se levantou e interferiu” (Enfermeira Luana). Pode-se compreender que o discurso das narrativas ressoa de maneira indireta e não impositiva sobre a atuação de cada um sobre o tema proposto, aumentando as chances do processo de internalização da mudança, por conta das conexões e das transferências produzidas no grupo.

Na situação grupal, a pluralidade de sujeitos e de espaços psíquicos que coexistem e interferem entre si, os objetos, as modalidades, os conteúdos e as conexões de transferências adquirem características específicas em seus conteúdos e em suas modalidades de manifestação, exigindo que tenhamos em mente a pluralidade de espaços de realidade psíquica aí produzida: a do sujeito, a dos vínculos intersubjetivos e a do grupo como conjunto (Kaës apud Fernandes & Hur, 2022).

Logo, os insights que acontecem, são referentes às trocas que foram sendo escolhidas durante a produção dos cartazes e da utilização de imagens que facilitarão esse acesso às questões internas, possibilitando a produção de novas realidades associativas grupais. Veja-se um bom exemplo na narrativa da enfermeira Luana:

Eu quero fazer um comentário, trabalho na unidade que chegou para atendimento de 2 casais muitos jovens. No primeiro, a mãe fez tudo trocou a fralda, o marido não fazia nada. Aí veio o segundo casal, o pai ele colocou o bebê e tirou a fralda com muita dificuldade, eu já estava angustiada, olhei pra ela, a mãe, ela estava muito tranquila! Falei: quando terminar você me fala. Ela está dando direito a ele de aprender, em nenhum momento ela se levantou e interferiu (Enfermeira Luana).

Essa narrativa demonstra o processo de crítica e reconstrução de conceitos sociais que estão vigentes e que foram sendo estabelecidos por questões sociais anteriores, como relatado sobre a parentalidade no capítulo 1.3 sobre grupos familiares e parentalidade. A participante

desmonta em sua fala o lugar de crítica sobre os pais, mas consegue organizar a responsabilidade parental de todos os atores, causando insights entre os participantes que se perceberam atuantes nessa produção da mudança da função paterna como se vê na continuidade da discussão com outros participantes: “Deixar o pai da criança ser o pai, ele precisa sentir que ele pode ser o pai” (Psicóloga Maria).

Esse processo de falar e assimilar, que é produzido pela interação e trocas, parece estar mais acessível se relacionado às imagens escolhidas para os cartazes, produzindo a partir do outro, como num espelho a uma tomada de consciência sobre si e sobre ressignificações possíveis, como ressalta Vacheret:

É somente quando o sujeito tenha ouvido o outro se dirigir em eco, uma fala que lhe retorne, e lhe tenha enviado em espelho, uma imagem que lhe pertença, que o sujeito em questão poderá aceder a uma autêntica tomada de consciência, esta sendo a condição necessária e prévia a todo trabalho psíquico de integração no aparelho psíquico pela simbolização (Vacheret, 2008, p.189).

Por fim, a tarefa de produzir cartazes a partir de imagens, e trocas grupais, promove associações intersubjetivas, que direcionadas ao tema que foi proposto (aqui sobre o lugar do pai na parentalidade) poderão produzir questionamentos e consequentemente a produção de associações relativas a novos modelos e novas possibilidades de funcionamento.

Considerações Finais

A temática da parentalidade desencadeia a problemática subjetiva de inter-relação entre as gerações e sua influência na constituição psíquica do sujeito, suscitando assim, questões sobre a concepção do homem através das interações sociais que se iniciam na infância. A este respeito, buscou-se concepções sobre o tema parentalidade que pudessem ser trabalhados nos grupos, dentro de uma abordagem psicanalítica. É inegável que a psicanálise tem muito a contribuir e a se desenvolver no que tange aos trabalhos com grupos e com as famílias, já que a sociedade é constituída a partir das interações sociais que se iniciam na relação com os pais dentro das famílias. Sendo assim, há um caminho pela frente, de pesquisa e desbravamento no campo das teorias psicanalíticas de grupo, de modo a sustentar as pesquisas futuras que possam se enquadrar numa abordagem psicanalítica.

No entanto, esta pesquisa, foi realizada com base nas teorias psicanalíticas, mas sem se utilizar de um grupo psicanalítico de fato. Ora, a formação de profissionais de saúde sobre a temática da parentalidade, foi um projeto que buscou formar estes profissionais de maneira a desenvolver uma formação com enfoque no trabalho em grupos, com base em trocas que fossem reflexivas e envolvessem suas práticas do âmbito da rede de saúde, propondo recursos de acolhimento, de empatia e de compreensão. Logo, a sensibilização desses profissionais, poderiam suscitar conhecimento para além das questões cognitivas, num movimento de encontro entre suas próprias projeções e a produção de conhecimento sobre a parentalidade, atuando assim no enfrentamento dos desafios da violência intrafamiliar, e nas relações entre o bebê e o cuidador principal.

Para isso, foram utilizados objetos mediadores na sensibilização e na elaboração destes profissionais durante a formação. Os dispositivos de imagem, propiciam a interação e a fala entre os membros do grupo e também estabelecem o desenvolvimento de vínculos, o contato com os conflitos internos de cada membro do grupo e a construção de significados

compartilhados, estabelecendo assim, harmonização no espaço psíquico dentro do grupo: “Assim, o que uma pessoa diz, pensa ou sente em um grupo deve ser compreendido como comunicando algo sobre o conjunto no qual está inserida” (Castanho, 2018, loc. 657).

Dito isso, esta conclusão, propõe abrir caminhos a nova maneira de se fazer grupos, seja no intuito de formação, seja no de acolhimento, mas de maneira a desenvolver capacidades subjetivas que possam estar relacionadas às questões internas do sujeito, na busca de transformações sociais mais profundas e acolhedoras.

No que tange aos resultados encontrados, ficou evidente que os dois dispositivos de imagens utilizados aqui puderam contribuir para trazer à tona questões subjetivas num processo associativo sobre as representações simbólicas.

Foi percebido que o dispositivo inspirado no fotolinguagem funciona de maneira menos diretiva e mais livre, produzindo modelos associativos que fossem muito mais internos do sujeito e relacionados às transferências encontradas nas trocas grupais, num processo mais próximo ao modelo de associações livres inspirados na própria psicanálise freudiana. Ficou claro que as interações estabelecidas nos grupos, utilizando-se dos dispositivos de imagem demonstrou que as fotos utilizadas como objetos mediadores foram capazes de suscitar as questões internas que são de difícil acesso e ainda, possibilitou sujeitos com dificuldades de processo associativo, a estabelecer um processo associativo das questões reclusas. Ficou evidente que o recurso de escolha de uma ou mais fotos, como objeto mediador entre o sujeito e a fala induz o sujeito a trazer à tona questões do pré-consciente e das relações subjetivas

Segundo Vacheret (2008) o objeto mediador, em especial a foto, solicita de maneira indutiva ao grupo que produzam um imaginário comum composto das múltiplas partes trazidas de cada um, num processo de organização e transformação, através do processo primário desencadearam uma mudança no ambiente e no modelo de funcionamento afetivo do grupo. Logo, a imagem enquanto foto mobiliza imagens internas associadas às questões emocionais

internas estimulando o imaginário a um grupo que ampara e circunda as emoções e angústias suscitadas através da foto, produzindo assim um processo psíquico grupal e circundante.

Aas associações produzidas a partir da análise das falas, com o dispositivo recorte e colagem de revistas, utilizado como objeto mediador entre o sujeito e o inconsciente também foram capazes de facilitar o acesso ao conteúdo interno do sujeito, agora de maneira a abrir uma janela que fizesse suscitar questões internas relacionadas ao tema proposto, mas ainda assim, de maneira livre e remediada por imagens, também num processo metafórico. A diferença encontrada entre os dois dispositivos foi a de que a produção dos cartazes trabalha de maneira mais direcionada, ou até de um delineamento que conduz o participante do grupo rumo ao tema a que se busca trabalhar, numa proposta de produção de conhecimento um tanto mais diretiva. Assim, foi possível com as questões colocadas na produção dos cartazes, produzir conhecimento, seja subjetivo, seja de trocas de experiências sociais ao mesmo tempo em que foi estimulado o acesso à questões pessoais, agora com uma ligação a um tema proposto enquanto objetivo do trabalho de formação do projeto saúde mental na parentalidade.

Conclusão

O objetivo dessa dissertação foi identificar como os dispositivos de imagens, puderam mobilizar os profissionais de saúde num grupo de formação, gerando reflexões e contribuindo para mudanças que pudessem impactar nas práticas profissionais no âmbito da saúde. Também buscou identificar como os objetos mediadores suscitam no grupo o processo de associatividade intersubjetiva; a elaboração sobre algumas temáticas relacionadas à violência a saúde mental no exercício da parentalidade e a mobilização destes dispositivos relacionados à temática da parentalidade.

Algumas questões surgiram para a pesquisadora enquanto a conclusão deste trabalho. A primeira é a de que seria necessário um bom tempo para se aprofundar em algumas questões

que aqui não puderam ser apresentadas, no que tange à concepções das teorias psicanalíticas de grupos. Questões sobre a transferência, contratransferência, o modelo de grupo operativo trabalhado por Pichón Rivière, dentre outras seriam necessárias, para um melhor entendimento sobre os processos grupais aqui estudados. A segunda questão é a que seria interessante se aprofundar sobre o modelo específico de grupo psicanalítico que muito se falou, mas que não foi a proposta do projeto saúde mental na parentalidade. No entanto, como uma das propostas do projeto é a de suporte aos participantes para que se disseminem novos grupos, a sugestão é a possibilidade de formar grupos de base psicanalíticas, para aprofundamentos sobre as questões aqui estabelecidas. Para isso seria necessária uma outra pesquisa, que demandasse tempo e trabalho para formar os grupos adequando-os aos modelos psicanalíticos de grupo, e propondo o estudo, agora com grupos psicanalíticos de fato. Porém, o tempo curto não propiciou que estas questões fossem possíveis, ficando a sugestão para trabalhos futuros.

No que tange a esta pesquisa, ficou evidente que a dinâmica relacional do grupo a partir dos dispositivos de imagens pode propiciar inicialmente a fala e a interação entre os participantes. O dispositivo inspirado na fotolinguagem permitiu ao grupo, já num primeiro contato, associatividades relacionadas à temática da parentalidade que foram interagindo com as próprias vivências parentais. O que é bem significativo, pois, foi possível trazer conhecimento sobre uma temática proposta e fazer suscitar vivências pessoais internas de maneira a atravessar possíveis fronteiras da comunicação. Os dispositivos de colagem de revista, puderam propiciar um aprofundamento destas questões pessoais direcionando-as aos temas propostos para estudo e conhecimento, afinal buscava-se formar os profissionais de saúde contribuindo com conhecimentos específicos sobre a parentalidade, a violências e o manejo com as famílias da rede de saúde. O que se observou nos dois dispositivos de imagens suscitaram trocas e questões intrapsíquicas ao mesmo que agregam conhecimento e acolhimento. O dispositivo inspirado na fotolinguagem suscita associações mais pessoais

profundas e mais livres, mesmo com o comando da narrativa sobre a temática específica da parentalidade. O dispositivo de colagem, funciona como uma tarefa proposta como ressalta Pichòn-Rivière (2009), condicionando os participantes a trazerem questões ligadas ao intrapsíquico, mas agora de maneira a falarem com direção ao tema trazido na tarefa que neste caso foi a colagem buscando responder os temas propostos.

Referencial Bibliográfico

Almeida, N. M. de C., & Arrais, A. R. (2016). O Pré-Natal Psicológico como Programa de Prevenção à Depressão Pós-Parto. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 36 (4), 847–863.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703001382014>.

Ancona-Lopez, M. (1995). *Introduzindo o psicodiagnóstico grupal intervencivo: uma história de negociações. Psicodiagnóstico: processo de intervenção*, 65-114.

Arrais, A. R. (2005). *As configurações subjetivas da depressão pós-parto: para além da padronização patologizante* [Tese de Doutorado, Universidade de Brasília] Repositório Institucional da UnB. <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/14011>.

Azevedo, K. R, Arrais, A. R. (2006). O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (2), 269–276.
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000200013>.

Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Nova Fronteira.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa.

Barbosa, R. S. (2022). *Violência contra crianças e adolescentes em tempos de pandemia: panorama das notificações no Distrito Federal nos anos de 2019 a 2021* [Monografia de Especialização em Políticas Públicas, Universidade de Brasília]. Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília.
<https://bdm.unb.br/handle/10483/34582>.

Bion, W. R. (1975). *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo* (2^a ed). Imago.

Brasil, K. C. T. (2020). Formação dos profissionais de saúde do município de Niteroi. Projeto - escola da família: promovendo práticas parentais com afeto, sem violência.

Café, M. (2020). Feminilidade e maternidade. Em D. Taperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.), *Gênero*. (pp. 59-60)). Autêntica.

Castanho, P. (2007). O momento da tarefa no grupo: aspectos psicanalíticos e psicossociais. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 8(2), 13–22.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702007000200003.

Carvalho P., (2008). A Fotolinguagem®: uma situação de referência para o trabalho de orientação psicanalítica com grupos que utilizam a mediação de objetos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 192-201.

Castanho, P.. (2012a). *Um modelo psicanalítico para pensar e fazer grupos em instituições* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15121>.

Castanho, P. (2012b). Uma introdução aos grupos operativos: teoria e técnica. *Vínculo – Revista do NESME*, 9(1), 47–60.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902012000100007.

Castanho, P. (2018). *Uma introdução psicanalítica ao trabalho com grupos em instituições* (edição Kindle). Linear A-barca.

Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (5^a ed.). Penso.

Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens* (3^a ed.). Penso.

Ciccone. A. (2014). Transmission psychique et parentalité. *Cliopsy*, 2014/1 (11), 17–38. <https://doi.org/10.3917/cliop.011.0017>.

Cossi, R. K. (2020). Masculinidade e paternidade. Em D. Taperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.). *Gênero* (pp. 33–48). Autêntica.

Fantini, M. D., Antúnez, A. E., & Castanho, P. (2022). Objetos mediadores e a entrevista devolutiva em grupo de pais no contexto do psicodiagnóstico interventivo. *Vínculo - Revista do NESME*, 19(1), 37-47. <https://doi.org/10.32467/issn.19982-1492v19n1a5>.

Fernandes, M. I. A., & Hur, D. U. (2022). Psicanálise, grupo e teoria da técnica: conselhos ao jovem coordenador de grupos. *Psicologia USP*, 33, Artigo e190078. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190078>.

Freud, S. (1019) *Caminhos da psicoterapia psicanalítica*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, S. (2010a) *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Companhia das Letras.

Freud, S. (2010b) *O Mal-estar da Civilização*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).

Freud, S. (2010c) *Os instintos e seus destinos*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (2011) *Psicologia das Massas*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).

Freud, S. (2012) *Totem e Tabu*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).

Golse, B. (2019). O que o bebê transmite aos adultos: (O conceito de transmissão psíquica ascendente). *Cadernos de psicanálise*, 41 (41), 11–20.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-62952019000200001.

Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Féres-Carneiro, T. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP*, 16 (2), 3–15.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200002.

Iaconelli, V. (2005). Depressão pós-parto, psicose pós-parto e tristeza materna. *Pediatria Moderna*, 41 (4), 1–7.
https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/Depressao_pos_parto__psicose_pos_parto_e_tristeza_materna/56.

Iaconelli, V. (2020). *Mal estar na maternidade* (2^a ed.). Zagodoni.

Iaconelli, V. (2021). Sobre as origens: muito além da mãe. Em D. Taperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.), *Parentalidade* (pp. 11–23). Autêntica.

Iaconelli, V. (2023). *Manifesto antimaterno*. Zahar.

Iannini, G. (2023). Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. Em S. Freud, *As pulsões e seus destinos* (pp. 91–133). Autêntica.

Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Estudos em teorias psicanalíticas*. v.6, n.1, p. 115-138, jan./jun.
[http://www.scielo.br/pdf/agora/v6n1/v6n1a07.pdf.](http://www.scielo.br/pdf/agora/v6n1/v6n1a07.pdf)

Japiassu, H. (1981). *Questões epistemológicas* (2^a ed.). Imago.

Joubert, C., & Drieu, D. (2016). Trabalho grupal com a fotolinguagem – determinante epistemológico e metodológico. Em K. Tarouquella & D. Drieu (Orgs.), *Mediação, simbolização e espaço grupal: propostas de intervenções com adolescentes vulneráveis* (pp. 89–112). Liber Livro.

Kaës, R. (1994). *La invención psicoanalítica del grupo*. Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo.

Kaës, R. (1997) *O Grupo e o Sujeito do Grupo*. Casa do Psicólogo.

Kaës, R. (2007) *Um singular plural: a psicanálise À prova do grupo*. Loyola.

Kaës, R. (2017). *O Aparelho Psíquico Grupal*. Ideias e Letras. (Trabalho original publicado em 1976).

Kehl, M. R. (2015). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões* (2^a ed.). Boitempo.

Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2008). *Vocabulário de psicanálise* (4^a ed.). Martins Fontes.

Lerner, G., (2019). *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Cultrix.

Lewin, K. (1948). *Problemas de Dinâmica de Grupo*. Cultrix.

Machado, A. (2023, 18 de maio).    Segurança reforça importância da denúncia de violência contra crianças e adolescentes. *Secretaria de Estado de Segurança Pública*. <https://www.ssp.df.gov.br/seguranca-reforca-importancia-da-denuncia-de-violencia-contra-criancas-e-adolescentes/>.

Minayo, M. C. S. (2001). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (26^a ed.). Vozes.

Núcleo de Jornalismo - Câmara Legislativa. (2019, 05 de agosto). Saúde mental dos servidores do GDF é tema de audiência pública. CLDF. <https://www.cl.df.gov.br/-/saude-mental-dos-servidores-do-gdf-e-tema-de-audiencia-publica>.

Pasqualini, J. C., Martins, F. R., & Euzébios Filho, A. (2021). A “Dinâmica de Grupo” de Kurt Lewin: proposições, contexto e crítica. *Estudos De Psicologia*, 26 (2), 161–173. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20210016>.

Pichon-RivièrE, E. P. (2007). *A teoria do Vínculo* (7^a ed). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1992).

Pichon-RivièrE, E. P. (2009). *O processo grupal* (8^a ed). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1983).

Ravanello, T., Machado, I. D., Martinez, M. C. & Nabarrete, L. M. S. (2016). *Os caminhos da pesquisa psicanalítica: da epistemologia ao método*. Gerais: *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 9(1), 110-124. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202016000100009&lng=pt&tlng=pt

Regina, C. (2018, 4 de abril). René Kaës. *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.* <http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoar/rene-kaes>.

Ribeiro, J. P. (2007). O conceito de Resistência na Psicoterapia Grupo-analítica: repensando um caminho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (especial), 65–71. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000500013>.

Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Mal-estar e Subjetividade*, 4 (2), 329–348. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008._

Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Escuta.

Rosa, M. D. (2021). Passa anel: famílias, transmissão e tradição. Em D. Taperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.), *Parentalidade* (pp. 23–38). Autêntica.

Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Zahar.

Sabadini, A. A. Z. P., Sampaio, M. I. C., & Koller, S. H. (Orgs.). (2009). *Publicar em psicologia: um enfoque para a revista científica*. Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia; Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/16>.

Silva, C. M., & Macedo, M. M. K. (2016). O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36 (3), 520–533. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001012014>.

Silveira, F. (2015). A clínica do Grupo no Movimento Clínico Brasileiro: Origens. Em C. C. Abud (Org.), *A subjetividade nos grupos e instituições: constituição, mediação e mudança* (pp. 23–56). Chiado.

Silveira, F., Fernandes, M. I. A., & Gaillard, G. (2020). Contribuições de René Kaës para a Epistemologia da Psicanálise. *Ágora*, 23 (1), 39–48. <https://doi.org/10.1590/1809-44142020001005>.

Taperman, D., Garrafa, T., & Iaconelli, V. (Orgs.). (2021a). *Gênero*. Autêntica.

Taperman, D., Garrafa, T., & Iaconelli, V. (Orgs.). (2021b). *Parentalidade*. Autêntica.

Universidade Federal de Santa Catarina., Núcleo Telessaúde Santa Catarina., Sauer, A. B., Nilson, L. G., Dolny, L. L., & Maeyama, M. A. (2018). *Trabalhando com Grupos na Atenção Básica à Saúde. Centro de Ciências de Saúde*. UFSC.

Vacheret, C. (2008). A Fotolinguagem®: um método grupal com perspectiva terapêutica ou formativa. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10 (2), 180–191. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000200014.

Vacheret, C. (2015). O grupo, o objeto mediador e o acesso ao pensamento metafórico. Em C. C. Abud (Org.), *A subjetividade nos grupos e instituições: constituição, mediação e mudança* (pp. 81–114). Chiado.

Vacheret, C., Gimenez, G.; & Abud, C. C. (2013). Como pensar a sinergia entre o grupo e o objeto mediador? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47 (3), 156–169. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2013000300015.

Zanello, Valeska. (2018). *Saúde Mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Appris.

Zerbini, E. M. C. (2023). Brochura do projeto: Promovendo Saúde Mental na Parentalidade.

Anexos

Análise de Discurso Bardin

Idealização e Ambivalência na Maternidade

Rede de apoio na Parentalidade

O lugar do pai na Parentalidade

A idealização da maternidade

Compreende-se como idealização da maternidade a ideia de que existe um modelo instintivo de amor que deverá ser exercido pela mulher, sendo ainda incondicional e desprovido de sentimentos hostis. A mãe “ideal”, deveria dedicar-se integralmente aos filhos, e seus sentimentos seriam sempre de afeto, amor, felicidade e completude. Mesmo o cansaço da maternidade é referenciado no ideal de uma santificação da função materna, que coloca a mulher numa função exclusiva, enaltecedora e privilegiada, reforçada com a ideia de “rainha do lar”, lugar onde poderia receber reconhecimento por sua dedicação e trabalho. No entanto, à medida que a realidade se desenrola, inevitavelmente a mulher- e muitas vezes o pai também- se deparam com sentimentos hostis e ambivalentes que acabam por gerar conflitos e angústias relacionados à parentalidade. A realidade esmagadora de cuidar de outro ser humano, as limitações no sono, na liberdade pessoal e as dificuldades financeiras são alguns desafios que podem surgir nesse período. Além disso, questões inconscientes referentes à própria infância, surgem como uma identificação projetiva, ou seja, questões que foram vivenciadas na infância, vêm à tona, trazendo sentimentos de desamparo, culpa, ansiedade, inadequação e conflitos internos.

<p>“Escolhi uma imagem de uma mulher grávida, com o pai ao lado, aqui o ideal materno. Mas também sentimos muito desgaste, (apresenta uma imagem que representa as dúvidas da maternidade), aqui a representação da culpa e como que essa mãe se observa diante do abandono materno e uma última imagem que representa uma mulher com cara de plenitude, que pode passar pelas ambivalências dessa função. “como mãe eu preciso fabricar um filho bom” (sic)</p>	<p>Crença sobre o ideal de maternidade Ambivalência Imposição social</p>
<p>“É preciso olhar para esse sujeito mãe e a solidão da maternidade durante o crescimento de seus filhos, há situações pessoais em que me senti apagada diante da maternidade”.</p>	<p>Solidão na maternidade Ambivalência</p>
<p>“O sexo, o trabalho fazem parte da vida de todos. No entanto, a maternidade cresce e engole a função de ser mulher. O pai ideal, a mãe ideal, o homem que precisa continuar tendo o papel de masculinidade, a mulher o da feminilidade, de boa mãe”</p>	<p>Ambivalência Crença sobre o ideal de maternidade</p>
<p>“A mulher que é casada e fica sozinha mesmo com o homem lá tenta se consolar pensando: ah, pelo menos ele não foi embora.”</p>	<p>Solidão na maternidade Crença sobre o ideal de maternidade</p>

<p>“Isso que é a maternidade, tudo ao inverso. Na foto temos o bebê crescendo no útero e a mãe desaparecendo. Ou seja, tudo vira o bebê e a mãe desaparece.”</p>	<p>Ambivalência Solidão na maternidade Crença sobre o ideal de maternidade</p>
<p>“Noventa por cento das mulheres que atendo acham um peso a chegada da mãe, que interferem, enfraquecem aquela mulher quando falam que o leite é fraco, que precisa suplementar.”</p>	<p>crença sobre o ideal de maternidade Desqualificação da competência materna</p>
<p>“Nessa conseguimos ver o bebê idealizado, os desejos que esperamos dos filhos. Os cuidados que ficamos preocupados enquanto mãe, vacinas, cuidados, saúde. Uma lista interminável de afazeres da maternidade. Totalmente enlouquecida em alguns momentos, não temos a opção de não dar conta, nos cuidados com a criança.”</p>	<p>Crença sobre o ideal de maternidade Imposição social</p>
<p>“E as visitas? Eu estava toda cortada da cesárea. Eu queria que alguém perguntasse se eu queria água, mas assim, você tá lá e todo mundo vai para cima da criança. Temos aquela imagem da mulher no parto, na recuperação e todo mundo em cima da criança, só a mãe dela que olha para essa mãe. Lembro que o pai da minha filha perguntou: é menina mesmo? então ela tá bem né?. E por ser menina ele foi embora. Aquilo me marcou tanto , porque eu tive muitas perdas antes dela vir, e isso não foi reconhecido, para ele era importante se fosse menino.”</p>	<p>Solidão na maternidade Crença sobre o ideal de maternidade Imposição social Desqualificação da competência materna</p>
<p>“A sogra falava que o leite é fraco, é uma forma de desqualificar a mãe.”</p>	<p>Desqualificação da competência materna</p>
<p>“O vínculo de avô busca aquela filha perdida, o que não pode ser feito com o filho está sendo feito com o neto, reutilizando essa relação.”</p>	<p>Aspectos projetivos da maternidade</p>
<p>“Eu enxergo a família como um lugar de afeto, vínculo, união e apoio. Hoje em dia, a família é atravessada por discursos diferentes. Há um lugar idealizado, mas pais e filhos ainda vivem uma contradição em</p>	<p>Crença sobre o ideal de maternidade Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p>

<p>relação a esse ideal, sendo que o pêndulo ainda não encontrou um ponto de equilíbrio.”</p>	
<p>“Então como a mulher pode também, não só a mãe, acreditar que não é menos mulher por ter uma rede de apoio, e como isso pode evitar que essa mulher não tenha questões de saúde devido à sobrecarga.”</p>	<p>Crença sobre o ideal de maternidade</p>
<p>Lembro de ter pensado: “eu amo essa criança, mas se eu pudesse não ter tido eu teria não teria tido” (sic). Não foi uma situação que gerou condições psicopatológicas para o bebê, mas a mãe é a cuidadora fundamental da criança. Houve um estudo de caso onde, após o nascimento, foi necessário criar uma relação entre a mãe e a criança. É importante dar o apoio necessário para a mulher lidar com sua realidade.</p>	<p>Ambivalência Crença sobre o ideal de maternidade Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p>
<p>“Eu sou a provedora do lar e na minha casa eu que trabalho e meu marido tem trabalho super flexível, o marido que leva os filhos para escola, busca nas atividades etc. E ele escuta que é um “pâe”, um pai maravilhoso, que faz tudo. Isso... ele escuta que ele é um paizão, um pâe! Eu me culpo, porque seria eu quem deveria estar cuidando dos meus filhos.”</p>	<p>Percepções contemporâneas sobre a parentalidade Crença sobre o ideal de maternidade Ambivalência</p>
<p>“Me chocou como uma colega de trabalho dispensou a licença maternidade de 6 meses! Mas hoje percebo que o foco dela talvez, não era o bebê, percebi que para aquela mãe isso era o possível, era fundamental para essa mãe, para que ela desse conta.</p>	<p>Crença sobre o ideal de maternidade Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p>
<p>“Sou orientanda da Alessandra e te pergunto (pergunta à Alessandra Arrais): Você com duas filhas, com pós-doutorado, não sente culpa? Vivenciei uma experiência da culpa, mas tive referências de outras mães, podendo escutar o outro lado, ajuda a lidar com a maternidade. Hoje, com a internet, o discurso acerca da maternidade é de rejeição desse lugar materno, não querem estar nesse lugar, sentem como sendo uma</p>	<p>Ambivalência Crença sobre o ideal de maternidade Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p>

<p>experiência ruim. Porém, a maternidade é fluida, tem momentos bons também, que a mãe tem experiências prazerosas.</p>	
<p>A rede de apoio na parentalidade</p> <p>Na era moderna, as dinâmicas e as práticas parentais evoluíram significativamente, dando origem a uma variedade de novas formas de parentalidade. Neste contexto, em constante mudança, a rede de apoio parental desempenha um papel crucial, pois, desde a descoberta da gravidez até o crescimento e desenvolvimento dos filhos, os pais são confrontados com uma série de emoções, responsabilidades e decisões que remodelam suas vidas. Neste caminho repleto de altos e baixos, a presença de pessoas e cuidados podem fazer toda a diferença na construção da parentalidade. Logo, entendemos como rede de apoio o suporte, apoio emocional acolhimento, escuta empática, assistência prática aos pais como ajuda com tarefas domésticas, cuidado com as crianças, preparação de refeições e até mesmo tempo para os pais descansarem e recarregarem suas energias. Nem todos os pais têm acesso a uma rede de apoio sólida. Fatores como distância geográfica, falta de recursos financeiros e isolamento social podem dificultar a construção de uma rede que possa dar suporte, mas existem fatores sociais que também causam pesar e sofrimento. Crenças sobre a maternidade idealizada, sobre a responsabilização única e exclusiva depositada aos pais, acabam por tornar esse momento ainda mais difícil. Compreendemos que para se educar uma criança, a sociedade em sua volta tem parte nesse desenvolvimento, oferecendo suporte e compreensão para os desafios específicos enfrentados por cada tipo de família. Sendo assim, os governos, as instituições e toda a comunidade serão parte importante na criação de políticas públicas, programas e educação apoiando as famílias em sua jornada de parentalidade.</p>	
<p>“É importante pensar que a rede de apoio não é só a família, os vizinhos, os amigos, os profissionais também podem ser rede de apoio.”</p>	<p>Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p>
<p>“Na minha experiência de maternidade estive sozinha. Na época de nossas avós existia uma rede próxima, hoje as mães se encontram sozinhas no pós-parto.”</p>	<p>Solidão na maternidade</p>
<p>“A rede de apoio está ali para oferecer coisas do dia a dia, como alimento, adaptação de programas de diversão que se adaptam a realidade da família, estar junto com as crianças para oferecer ao casal um momento a sós, presentear os pais com momentos para que tenham tempo de cuidado, como por exemplo uma massagem.”</p>	<p>Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p>
<p>“Pra mim, estar com a família também é uma rede de apoio, assim como o cuidado com a mãe em casa. Às vezes em casa a mãe não recebe cuidado, o olhar é voltado para o bebê, e a mãe muitas vezes não é cuidada, os outros não se interessam pela mãe. Por exemplo: Não questionam como foi para a mãe passar por certas experiências. Essa falta de interesse pode adoecer a mãe. Tive uma experiência pessoal que me fez me sentir abusada, “explodindo” emocionalmente, culpada.”</p>	<p>Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p> <p>Solidão na maternidade</p> <p>Ambivalência</p>

<p>“Hoje há um grande nível de violência com a mãe, não há um espaço de acolhida e escuta para essa mãe.” Por exemplo: uma mãe de 27 anos com um filho de 7 anos que estuda de manhã, um filho de 5 anos que estuda a tarde e uma criança de 1ano e meio, para completar a cereja do bolo, teve uma rejeição, foi abandonada pelo parceiro durante a gestação, não fez um pré-natal e ainda foi violentada”.</p>	<p>Solidão na maternidade Desamparo social e familiar</p>
<p>“Eu quero fazer um comentário, trabalho na unidade que chegou para atendimento de 2 casais muitos jovens. No primeiro, a mãe fez tudo trocou a fralda, o marido não fazia nada. Aí veio o segundo casal, o pai ele colocou o bebê e tirou a fralda com muita dificuldade, eu já estava angustiada, olhei pra ela, a mãe e ela estava muito tranquila, e falei quando terminar você me fala. Ela está dando direito de ele aprender, em nenhum momento ela se levantou.”</p>	<p>Crença sobre o ideal de maternidade Solidão na maternidade Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p>
<p>“A gente pensou em várias coisas, a primeira imagem foi das famílias, esse é o primeiro ponto de apoio que temos social, é a família. Às vezes não é a família biológica. A gente pensou em várias coisas, colocamos uma colmeia com vários favinhos, a gente colocou a igreja como parte da família. Nossa rede de apoio tem amigas, primas, essa rede é constituída de vários pontos que nos apoiam. A gente sabe que a escola é um ponto de apoio muito importante, tanto para criança quanto para essa família. A rede de saúde é ponto de apoio, por se essas não são ouvidas e acolhidas essa rede se perde.”</p>	<p>Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p>
<p>“Pensamos na primeira imagem em que a avó vem como um remédio para essa mãe, um remédio no sentido dela se descobrir num lugar de mãe, um remédio que às vezes traz uma solução embasada em conhecimento empíricos, o chá, a massagem, como a maturidade na questão da geração vem acalmando e acolhendo, no sentido de lidar com</p>	<p>Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p>

<p>o desamparo. Trouxemos a docura também e como essa avó tá cuidando da mãe, do simples fato de alimentar, cuidar, de prover o básico, como isso por si só é o cuidado. Trazemos o fazer junto, o dar o colo, as facetas dessa mãe, que está ali em crescimento, pensamos nesse sentido.”</p>	
<p>“A rede acaba reproduzindo a questão de gênero. Quando a mulher pede apoio pede à mãe, à avó, à irmã. A rede de apoio pode ser a família, mas pode ser também uma escola, uma creche, os amigos, os profissionais de saúde.”</p>	<p>Crença sobre o ideal de maternidade Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p>
<p>“Escolhemos as palavras construção e reflexão, - pois para ser de fato ser uma rede de apoio, tem que ser uma rede que aceite refletir sobre si e seu papel, uma rede profissional que reflita sobre isso. Esta imagem, vemos o corpo como máquina, pois a partir da gestação, o corpo da mulher vira uma máquina que produz um bebê e não é visto em sua complexidade.”</p>	<p>Percepções contemporâneas sobre a parentalidade Crença sobre o ideal de maternidade</p>
<p>“Conversamos sobre as nossas mães com os nossos filhos. Falamos sobre a diversidade na forma de exercer esse papel de avós, que às vezes é uma forma maternal, mas às vezes mais é agressiva. Escolhi a palavra renascida. Entendi que nasce um pai, uma mãe e uma avó. É muito diferente quando o filho é seu, e quando é filho de outra pessoa, mesmo sendo filho da sua filha, é de outra pessoa. E como isso é novo e pode causar ansiedade. Minha mãe para mim foi muito ausente, era servidora de saúde e trabalhava muito, e agora já aposentou e brinca, deita, fica com a minha filha.”</p>	<p>Percepções contemporâneas sobre a parentalidade Ambivalência</p>

O lugar do pai na Parentalidade

A figura paterna foi por muito tempo, associada à provisão financeira e à autoridade disciplinar, enquanto o papel da mãe era mais fortemente ligado ao cuidado e à nutrição emocional. No entanto, à medida que as concepções sociais evoluem e as famílias se tornam mais diversas, fica claro que o lugar do pai na parentalidade é multifacetado e crucial para o desenvolvimento saudável e equilibrado dos filhos. Nos dias de hoje, essa função ganha fluidez na medida em que se adapta às necessidades individuais de cada dinâmica familiar. Não há um único tipo de paternidade que se aplique a todos os pais, como num modelo padrão e engessado. Há, portanto, o desenvolvimento de recursos que visem

o equilíbrio entre paternidade, autonomia, amparo, responsabilidade e figura de afeto e amor. Os pais de hoje estão cada vez mais conscientes da importância da igualdade de gênero na parentalidade e compartilham igualmente as responsabilidades de cuidar do lar e da família com a parceira/parceiro, na busca de promover a cooperação e o respeito mútuo entre os pais, mas também modela para os filhos uma visão progressista e inclusiva do mundo. No entanto, há um processo que está acontecendo, e ainda surgem conflitos e angústias relacionadas à paternidade. O modelo patriarcal ainda perpetua em nossa sociedade como resquício de um modelo de funcionalidade da família que aconteceu por muitas gerações, e que está enraizado em nossa sociedade.

<p>“Ser pai é: Pensando na normalidade na cultura brasileira. Há versões de paternidade, focando que o pai continua com as atividades que tinha anteriormente da paternidade, sem serem afetados diretamente com a paternidade”.</p>	<p>Crítica ao modelo de paternidade</p>
<p>“A vida sexual deles continua ativa, são irresponsáveis sobre a fecundação, que recai em cima da mulher”.</p>	<p>Crítica ao modelo de paternidade Crença sobre o ideal de maternidade</p>
<p>“Há infidelidade, assim como, a dificuldade dos homens de lidar com a nova configuração familiar. Têm uma nova versão da paternidade que está sob discussão sobre a função paterna, do pai que assume suas responsabilidades, não na função de ajudar a mãe, mas sim de se colocar no lugar de responsabilidade”.</p>	<p>Crítica ao modelo de paternidade Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p>
<p>“Acabam sobrecregando essa relação familiar com paradigmas. Recebi muitos elogios porque passei a cuidar por duas semanas dos filhos sem a mãe, mas a mãe faz isso o tempo todo e não é reconhecida.”</p>	<p>Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p>
<p>“Conheço um casal que o marido fala assim: “Se você pedir com delicadeza, consegue tudo de mim, se você pedir como uma mulherzinha.” Se ela falar com delicadeza e amor, ele faz. Se ela pedir com raiva ele se irrita e não faz.”</p>	<p>Crença sobre o ideal de maternidade</p>
	<p>Percepções contemporâneas sobre a parentalidade</p>

<p>“Deixar o pai da criança ser o pai, ele precisa sentir que ele pode ser o pai.”</p>	
<p>“Difícil falar sobre o pai parcialmente engajado. Quando a mãe está totalmente ausente, o pai tem a empatia da família que o ajuda, já o pai que não ajuda não é julgado e a mãe não tem o acolhimento da família.”</p>	<p>Crítica ao modelo de paternidade Crença sobre o ideal de maternidade Solidão na maternidade</p>
<p>“A cultura da família tradicional brasileira aponta para um desaparecimento e transitoriedade da figura paterna.”</p>	<p>Crença sobre o ideal de maternidade</p>
<p>“E também a gente deve lembrar que esse pai é afastado da mãe, pela mãe. A mãe está abraçada com o bebê e o pai está atrás do sofá. Não podemos ignorar esses casos também.”</p>	<p>Crença sobre o ideal de maternidade</p>
<p>“A gente começou colocando algumas figuras que fazem uma divisão entre uma cultura idealizada e a vida real. Esse lugar do homem que está alheio dentro do contexto da parentalidade. O homem é ausente em um contexto machista. E para o homem às vezes isso nem aparece. As pessoas nem percebem, é assim: “Nossa, ele me ajuda muito, que homem maravilhoso, que ajuda essa mulher a estar com o filho!” Mas tem esse outro lugar do homem que está muito fora da nossa realidade ainda. Um homem alheio, que já trabalhou o dia todo fora e ainda precisa estar com a mulher em casa. Essa parentalidade pode gerar um surto nele! A situação de o casal não estar conectado, também atrapalha. A cultura separa o casal, colocando o homem no direito de um momento de lazer que às vezes a esposa e o filho não participam com o pai.”</p>	<p>Percepções contemporâneas sobre a parentalidade Crítica ao modelo de paternidade Crença sobre o ideal de maternidade Ambivalência sobre o papel do pai</p>
<p>“Coloquei a imagem da família real, avós, netos e bisnetos, tem essa transgeracionalidade que pode ser vivida. Muitas vezes a violência é passada de uma geração para outra, sem pensarmos. E por que a gente não pensa na nossa própria ancestralidade? Coloquei a imagem, uma única foto do avô, como o avô está se nem o pai está lá? Muitos avôs já foram causadores de estupro, é uma forma de pensar nos nossos avôs e nossa ancestralidade.”</p>	<p>Percepções contemporâneas sobre a parentalidade Transgeracionalidade Crítica ao modelo de paternidade</p>
<p>“Dividimos o grupo e saiu coisas interessantes. Veio muito uma questão de pai, da cerveja, do churrasco, da diversão, como da criança comportada de ser rígido, da castração, da violência, a questão do teste</p>	<p>Crítica ao modelo de paternidade Solidão na parentalidade</p>

<p>de paternidade, da ausência paterna que é muito presente em nosso cotidiano, dá o futebol, de ser pai de parquinho, só de brincar, Sobrecarga dos homens está mais no trabalho do que nas questões familiares. Colocamos um casal pra falar da questão de estar junto, da ajuda nesse momento novo.”</p>	
<p>“Temos visto o movimento dos profissionais de saúde em trazer o pais na gestação e no puerpério. Quando falamos de interrupção, é complicado pois normalmente a mulher está sozinha, e há uma cobrança de cadê esse pai dessa criança.”</p>	Percepções contemporâneas sobre a parentalidade Solidão na maternidade Crença sobre o ideal de maternidade
<p>“Eu fiz parto domiciliar e contratei uma parteira. No final de uma consulta de pré-natal meu marido perguntou: "E eu? Não faço nada? Ele só se sentiu incluído com a parteira.”</p>	Crença sobre o ideal de maternidade Percepções contemporâneas sobre a parentalidade